CARTA

ÁCERCA

DA ILHA DOS AMORES.

CARTA

AO ILL.[mo] SNR. THOMAZ NORTON,

SOBRE A SITUAÇÃO DA

ILHA DE VENUS,

E em defeza de Camões contra uma arguição, que na sua obra intitulada Cosmos, lhe faz

O SNR. ALEXANDRE DE HUMBOLDT.

POR

JOSÉ GOMES MONTEIRO.

Joze da Silva Passos.

> Vous retrouvez partout une âme aussi profonde que l'Océan.
>
> Edgard Quinet, *sur le Camoens.*

PORTO:
NA TYPOGRAPHIA DE S. J. PEREIRA,
Praça de Santa Thereza n. 28.
1849.

CARTA &c.

Meu caro amigo,

A leitura que juntos fizemos das bellas paginas do Cosmos, onde o illustre Humboldt veio, como admirador de Camões, associar seu grande nome ao de Tasso, de Montesquieu e de Chateaubriand, me convidou a ler, não sei se pela centesima vez, o brilhante episodio da *Ilha dos Amores*. Nesta leitura levava eu especialmente em vista avaliar o reparo feito alli pelo sabio allemão — de que o grande poeta, tam admiravel quando descreve os phenomenos do Oceano, se não mostrára igualmente sensivel ao espectaculo da natureza terrestre. O auctor do Cosmos, não partilhando a singular opinião de *Sismondi*, segundo o qual

as viagens de Camões pouco ou nada teriam enriquecido a sua poesia, (*a*) adopta comtudo a censura deste critico na parte que se refere á ausencia da vegetação tropical nas descripções dos Lusiadas. Para tornar esta falta mais saliente, produz Humboldt a ilha de Venus. « O episodio da ilha encantada, diz elle, offerece na verdade a mais graciosa de todas as paysagens; mas a sua decoração só se compõe, como convem a uma ilha de Venus, de myrtos, cidreiras, romanzeiras e limoeiros odoriferos, tudo arbustos proprios do clima da Europa meridional. » (*b*)

A apreciação desta censura trouxe-me naturalmente á velha questão — se com effeito Camões tivera em vista naquella ficção designar alguma das ilhas do Oceano Indico, ou mesmo do Atlantico, e qual ella fosse. Esta questão e o reparo do illustre auctor do Cosmos são, até certo ponto, materias correlativas. Por isso me propuz investigal-a e dar-lhe, se possivel fosse, uma cabal solução, para depois melhor examinar com que fundamento fôra censurado o auctor dos Lusiadas. Lisongeio-me de ter, a final, resolvido o problema litterario da *natureza* e *situação* da Ilha dos Amores; e confio tambem, quanto á outra parte do meu duplo trabalho, que apresentarei uma defeza do nosso poeta, se não brilhante como convinha a seu grande nome, ao menos solida e verdadeira, como os eternos principios da arte, de que ella é dedusida.

(*a*) Litterat. du Midi de l'Europe, t. 4. p. 403.
(*b*) Cosmos, t. 2, p. 67.

As minhas investigações foram emprehendidas com o fim de communicarmos familiarmente as nossas ideas; mas para que alguma falta de lucidez ou de memoria não prejudique no seu espirito opiniões que tenho por verdadeiras, me resolvi a coordenar nesta carta o resultado de um estudo, tanto do nosso gosto, a que dediquei algumas destas longas noites de Inverno.

Desde a publicação dos Lusiadas até aos nossos tempos, se tem controvertido, mas nunca aprofundado esta questão litteraria. Querem uns que a *Ilha dos namorados*, como lhe chamavam no tempo de Camões, (*a*) não seja mais que uma espontanea creação do poeta, sem a mais leve referencia á realidade. Outros sustentam, pelo contrario, que o poeta achára indicações na historia, que lhe suggeriram aquella ficção; e que elle quizera designar alguma das ilhas, situadas na derrota do Gama desde Calicut a Lisboa. Estes ultimos ainda divergem entre si na designação dessa ilha, que merecêra a honra de ser divinisada pelo genio de Camões.

Manoel Corrêa, cujo trato com o poeta podera ter sido de tanta vantagem para a posteridade, se elle fosse capaz de avaliar a grande obra que se propoz commentar, tracta esta questão com a sua habitual insufficiencia; defeito que tanto mais nos desgosta em um in-

(*a*) *Tapia* na sua trad. castelhana, publicada em 1580, diz no argumento do c. IX: *una isla fantastica, llamada de los Enamorados.*

dividuo de quem esperavamos interessantes revelações. « Muitos tem para si, diz elle, que esta ilha seja a de *Santa Helena*; mas enganam-se, porque foi um fingimento que o poeta aqui fez, como claramente consta da letra. » (a) Ainda bem que desta vez o bom commentador não se abroquelou com a authoridade do proprio Camões, como o costuma fazer com bem pouca satisfacção da boa critica. Deixemos para mais tarde avaliar a sua opinião, e continuemos a ver a dos differentes commentadores.

Em opposição a Correa, veio *Manoel da Faria e Sousa* sustentar que a ilha de Venus tinha na historia e na geographia a sua respondencia, e que era esta a ilha de *Anchediva*. Para fundamentar a sua opinião aponta Faria uma passagem de Barros, que devêra ter sido a centelha que ateasse na imaginação de Camões a creação da *ilha fluctuante*. Para bem se avaliar a conjectura do ardente admirador de Camões, dêmos-lhe a vantagem de suas proprias expressões. « Es de saber, diz Faria, que esta isla, que el poeta finge moverse, y aver salido al encuentro de los navegantes, con tanta variedad y excelencia de regalos, es la de Anchediva: porque alli venieron ellos á hacer la aguada de que trata la est. 51, y á la que llaman de S. Blas; para que se vea cuantas leguas de engaño han corrido los que dijeron, que la isla aqui pintada es la

(a) Os Lus. comment. pelo Licenceado M. Correa, f. 250.

de Santa Elena: porque estando ella mucho mas acá del cabo de Buena Esperanza, y la de Anchediva mucho mas allá, y en la cabeza de la propia India, queda siendo la diferencia no menos que de casi todo el viaje. Y porque á los poetas cualquier menudencia les sirve de motivo para una estupenda fábrica, él que el nuestro tuvo para esta, es uno qué allí refiere el propio Barros, en que vine á dar al fin de muchos dias y de muchas imaginaciones . . . Fué pues el caso que llegando los navegantes en frente de la isla de Anchediva, un corsario animoso, llamado Timoya, sé resolvió á robarlos, usando de un estratagema para embestirlos; y fué que compuso ocho navios de remo unidos y cubiertos de ramos verdes, de manera que á los que apartados estaban, viendo aquel bulto, sin noticia de lo que era, antes les parecia una isleta, que otra alguna cosa. Entrado el Timoya con su gente en esse bosque, fué remando en él para donde estaban nuestras naves: y viendo Vasco de Gama moverse aquello, que á su parecer era un pedazo de montaña con arboleda verde, dijo: *Qué vision es aquella?* » (*a*)

Parece que um implacavel espirito de contradicção a Faria e Sousa, fôra a unica rasão que tivera o Morgado de Matheus para collocar perto das costas de Portugal a ilha que o antigo commentador situára junto á costa do Malabar. O critico moderno ainda dis-

(*a*) Coment. á la Lus. c. IX. e. 53. Para o lugar de Barros cit. por F. vej. Dec. 1. l. 5. c. XI.

corda do antigo ácerca de natureza desta ilha, querendo que ella seja de pura fantesia. Na Vida do poeta, que precede a sua magnifica edição, diz *D. José Maria de Sousa*: « Segue-se, a bellissima ficção da ilha que Venus conduz e dispõe a receber os seus protegidos descobridores da India para alli descançarem e dar-lhes o premio de terem finalisado a sua gloriosa empreza; o que prova (se tal questão pode ter importancia) ser esta ilha imaginada, não nos mares da India, mas proxima ao termo da viagem do Gama. » (a)

Para que esta questão tivesse todas as honras da controversia, appareceo tambem um critico eclectico que pretendeu conciliar as duas opiniões, fazendo-as entrar ambas n'um systema *de fusão*. Pensa *Garcez* que a arribada do Gama á Anchediva teria suggerido a creação a ilha de Thetys; e a amenidade da de Santa Helena a sua decoração. « Este milagre poetico, accrescenta elle, fez Venus que a tinha preparado *nas entranhas do Oceano*, e agora *a levava pelas aguas*, e logo *firme a fez*. » (b)

Esta a historia das opiniões, que tem vogado ácerca do famoso episodio. Confio, meu amigo, que se convencerá por esta minha carta de que só agora, depois de decorridos quasi tres seculos, ficará entendida esta importante parte dos Lusiadas.

(a) Edição de 1817, in 4.° pag. CVIII — IX.

(b) Lus. illustrada por Ig. Garces Ferreira, t. 2. pag. 210, N. 161.

Eu não partilho a opinião daquelles, que, como o Morgado de Matheus, pensam que esta questão não tem importancia. O perscrutar os mais fundos recessos do espirito de um poeta como Camões, não é indigno da critica, nem mesmo um estudo tam vasio de interesse como se antolha ao magnifico editor. Entrarei pois na materia, fazendo por lhe ligar toda a importancia que ella realmente tem.

A Odyssea de Homero, com quanto occupe na estimação dos criticos um lugar inferior á Iliada, tem sido para os poetas de todas as edades um mais fecundo manancial de imitação, do que o poema rival. A varia fortuna de Ulysses, suas romanticas peregrinações e aventuras, teem com effeito mais attractivos, do que os interminaveis combates, e barbaras altercações que se succedem mutuamente fóra e dentro dos muros de Troya. Um dos episodios daquelle romantico poema, que mais agradou aos poetas modernos, foi o da arribada de Ulysses ao paiz dos Pheaces, e seu recebimento gasalhoso nos jardins e palacio d'Alcinoo. Policiano foi, segundo *Mazuy*, o primeiro que introdusio na litteratura moderna estes risonhos quadros de poesia descriptiva (a)

(a) Roland furieux, trad. de M. A. Mazuy, t. 1. ch. VI. N. 2. — Penso que a imitação deste episodio da Odyssea data dos romances de Cavalleria da meia edade. A *Ilha firme* e o *palacio encantado de Apolidon e Grimanesa*, no *Amadis de Gaula*, me parecem ter aquella origem, supposto lhe falte um quadro de poesia descriptiva no gosto italiano. E' só quanto a esta ultima circumstancia que eu adopto a opinião de *Mazuy*.

tam favoraveis ás galas das linguas meridionaes. A sua ilha encantada de Chypre, e o palacio de Venus é a primeira imitação do episodio da Odyssea; imitação que depois se reproduzio nos jardins de Carandina do *Cego de Ferrara*, na ilha e palacio d'Alcina do Ariosto, e na ilha e jardins d'Armida de Torquato Tasso. Desde então, um episodio neste genero foi, para assim dizer, um *allegro* obrigado em toda a epopea.

Camões teve sem dúvida em vista este ornamento do poema epico introduzido por seus antecessores italianos, e principalmente pelo donoso cantor do fabuloso *Orlando e do vão Rogeiro*. Até aqui pode dizer-se que o poeta portuguez foi imitador, como, antes delle, Policiano e o Ariosto, e depois o forem Torquato Tasso, Marini, Erzila, Spenser, Milton e uma plebe infinita *minorum gentium*, que inundou a litteratura com suas bastardas epopeas. Cumpre porém que eu me apresse a declarar, que, ainda imitando, foi o auctor dos Lusiadas infinitamente mais original do que seus modelos immediatos. Não é o amor do paradoxo; é uma convicção profunda, formada pela meditação deste divino poema, que me anima a avançar esta asserção. Algumas considerações sobre a poesia epica são necessarias para explicar o meu pensamento.

O poeta inventa de varios modos, que eu classificarei em tres generos de invenção. Primeiro quando elle dá existencia a seres e a factos, que, sendo meras creações de sua fantesia, são comtudo similhantes ás cousas da humanidade, donde são modelados. Esta

é a invenção do romance moderno; aquella que criou a figura de Rodolfo nos Mysterios de Paris. Outras vezes o poeta, dando mais largo panno á sua imaginação, transpõe as raias do verosimil e se lança no mundo fantastico, descrevendo personagens e eventos fabulosos, sem outro fim mais que impressionar o nosso espirito pelo maravilhoso, e sem que este maravilhoso symbolise, ou se presuma symbolisar, alguma cousa real. A esta classe pertence o famoso livro arabe das *Mil e uma noites* e todos os romances de Cavalleria da segunda epoca, isto é, dos fins do seculo XV em diante. (a) Finalmente o poeta inventa de um terceiro modo, quando tendo em vista o mundo real e successos veridicos, os desfigura e os substitue por outros verosimeis ou maravilhosos, com o mesmo fim de mais fortemente impressionar a nossa imaginação. Então dados certos objectos da natureza real e certos factos historicos, elle transforma esses objectos, altera os factos, assignando-lhes já differentes causas, já outros effeitos; agora violando a chronologia, logo a geographia, e substituindo emfim os actores reaes por outros verosimeis ou fantasticos. Porém neste processo de decomposição, entre as formas reaes que desapparecem em todo ou em parte, e as novas que as substituem, existe sempre uma certa relação physica ou moral, como na metamorphose e na allegoria. Esta é a condição que distingue esta invenção da segunda. Os dous pri-

(a) Vid. Nota a pag. 17.

meiros modos de inventar foram desconhecidos da antiguidade, com rarissimas excepções: o terceiro é o da epopea, como ella foi intendida por Homero, Hesiodo, e pelos poetas das edades primitivas da litteratura — nos tempos anteriores a Pericles, e na epocha a que chamamos meia edade: — é a invenção dos poemas homericos e dos romances de cavalleria *originaes*. (a)

As ficções epicas da antiguidade tem todas o cunho da metamorphose e da allegoria. Que é, por exemplo, aquelle extraordinario episodio da Iliada, em que Homero nos dá o monstruoso espectaculo de um duello entre o Rio Scamandro e o filho de Peleu? Ignoro a explicação que se tem dado a esta ficção, que tem todos os caracteres de mytho. Parece-me porem que não iremos longe da verdade, se virmos aqui uma formidavel elevação das aguas do Xanto e do Simoente, que involveram de supito, não a pessoa d'Achilles sómente, mas todo o acampamento dos Thessalos. Mas se esta ficção não tem sido explicada deste ou de qualquer outro modo analogo, não acontece assim com outras do mesmo cyclo troyano. O famoso cavallo de Troya não era, segundo Pausanias, senão um ariete inventado por Epeo, que, em vez de cabeça de carneiro, rematava na de um cavallo (b). E' sabido que a

(a) Vid. Nota a pag. 17.

(b) Pausanias, trad. de l'Abbé Gedoyn, t. 1. p. 73, e t. 2, p. 375. Plinio tratando de diversas invenções e seus auctores, diz: Equum (qui nunc aries appellatur) in muralibus machinis, Epeum ad Trojam. Nat. Hist. L. VII.

Mythologia, creada pelos poetas, se explica em grande parte por este modo.

Esta invenção, pois, que faz servir os factos historicos para o maravilhoso, é a verdadeira invenção epica — é a da epopea antiga, e tambem a dos Lusiadas, como logo veremos. Eis-aqui porque eu digo que Luis de Camões é mais original que seus modelos italianos. Que fez o Ariosto e antes delle Angelo Policiano? Tomaram da Odyssea o palacio e jardins d'Alcinoo, com seu clima de perpetua primavera, seus prados esmaltados de variegados fructos e flores, seus banquetes festivaes e o canto heroico de Demodoco. Mas que significa tudo isto nas *Estancias* de Policiano, no Orlando furioso, e depois na Jerusalem libertada? Romance e nada mais. E na verdade, com quanto admiraveis os dous poemas italianos, affastam-se elles, posto que em distancias desiguaes, da severidade e grandeza da verdadeira epopea. Camões pelo contrario, com aquelle admiravel instincto epico, que o assimila aos creadores da epopea antiga, aproveitou sim um pensamento

---

c. 56. *Dares Phrigio* conta de outro modo este successo. Alguns dos magnatas troyanos, descontentes com a obstinação de Priamo em regeitar propostas de paz, tramaram uma conspiração para entregar a cidade aos Gregos. A traição effectuou-se dando-se entrada ao inimigo pela porta Scea, que na parte exterior tinha esculpida a cabeça de um cavallo. (Darete Frigio della ruina di Troja, trad. per T. P. de Castigl. Arretino, p. 133.) Ou esta obra seja na realidade antiga, ou fosse forjada por Jos. Iscanius, poeta inglez do sec. XII, fornece-nos ella nesta passagem um bello exemplo de como a critica tem procurado em todos os tempos resolver em factos verosimeis as ficções da poesia epica.

alheio, mas o seu desenvolvimento e applicação é eminentemente original; pois que lhe servio para reduzir ao maravilhoso um incidente historico connexo com a acção dos Lusiadas.

Castera fez uma observação profunda, quando disse: *Les fictions du Camoens sont d'autant plus merveilleuses, qu'elles ont toutes leur fondement dans l'histoire.* (*a*) Esta observação é suscitada pela aproximação feita por Faria, como vimos, entre o estratagema de Timoya e a *fluctuancia* da ilha dos amores. Eu tenho de refutar com solidos fundamentos a opinião de Faria quanto á situação da ilha; mas intendo que elle attingio o modo epico de proceder do poeta, quando procurou explicar pela historia este episodio, embora o não conseguisse. *Mickle*, alludindo á passagem do commentador, observa, com um certo tom de desprezo, que o genio de Camões não necessitava da tam fraco auxilio para ser fecundado. (*b*) Muitos serão do mesmo pensar, cuidando que o genio derroga sua natureza quasi divina, se suas creações não sahirem de sua mente, como Minerva do cerebro de Jupiter, animadas e brilhantes, sem dependencia de um germen exterior que a fecunde. Para fortalecer as minhas considerações sobre a invenção epica e dar-lhes a auctoridade que me fallece, responderei a estes com as palavras de um eloquente critico francez. « A verdade, diz Villemain, é a raiz de

(*a*) La Lusiade par Dup. de Castera, t. 3. p. 149.

(*b*) Mickle's translation of the Lusiade.

toda a poesia. E' um axioma em philosophia, verificado na litteratura, que o espirito do homem nada inventa de um modo absoluto; nem mesmo quando concerta fabulas as mais chimericas. E' com as reliquias (*débris*) da verdade que se faz uma ficção.» (a)

Camões pela profundidade e vastidão de seu espi-

(a) Tableau de la littérat. du moyen age, leç. VII. pag. mihi 588. — A Critica tem em nossos dias mostrado a verdade deste principio com applicação aos romances de cavalleria *originaes*. E' mister não os confundir com os romances cavalherescos dos fins do sec. XV. em diante. Estão estes para os originaes da meia edade, na mesma rasão que os modernos poemas epicos para a epopea antiga — imitam a ficção, sem curar da realidade. As brilhantes ficções dos romances da meia edade, que não podem deixar de nos confundir e encantar ao mesmo tempo pelo aggregado de bellezas e monstruosas chymeras de que se compõem; essas ficções são, na sua generalidade, concertadas com os despojos da historia. Aproveitarei esta occasião para dizer, confirmando esta verdade, que um dos mais famosos monumentos dessa litteratura cavalheresca, e que tam distincto lugar deverá ter na historia litteraria do nosso paiz, — o AMADIS DE GAULA — é de todos os romances de cavalleria o mais notavel pelos elementos historicos de que se compõe. Impenetravel até hoje á investigação de grandes criticos, tem sido considerado como uma *singular excepção* ao systema de *decomposição historica*. Eu mostrarei, comtudo, em um trabalho que tenciono publicar brevemente, que o seu maravilhoso, os seus personagens, os seus episodios, tudo alli é urdido no grande tear da historia — da historia do sec. XII, o mais rico em aventuras e feitos d'armas da cavalleria real, de quantos contém os annaes da edade média. Alli, dissolvendo as fabulas do *Amadis* em factos historicos, darei a mais completa theoria, que ainda appareceu, do modo de inventar dos trovadores de meia edade. O maravilhoso episodio do *Endriago*, a mais bella concepção de todos os romances de cavalleria, ficará sendo um exemplo inapreciavel de como o espirito humano forma o mytho, nas edades primitivas da litteratura.

rito, assim como foi o primeiro poeta epico da litteratura moderna, foi tambem o ultimo representante das grandiosas concepções da antiguidade. Quem dos modernos (e podera accrescentar, quantos dos antigos) soube melhor do que o Homero portuguez transportar os objectos reaes para o mundo ideal da poesia? A contemplação dos grandes quadros da natureza lhe suggere pensamentos da mais elevada poesia. Não fallo agora de suas admiraveis descripções dos phenomenos da natureza, cuja verdade e vigor de colorido tam justamente celebra o illustre auctor do Cosmos. Alludo áquella prodigiosa concepção, da qual disse Voltaire que seria grande em todos os tempos e em todos os payses. Camões concebeo, sem duvida, a ficção do Adamastor, desde o momento em que seus olhos attonitos houveram vista do *grande cabo que, quando se mostrasse, não descobria somente a si, mas a outro novo mundo de terras.* (a) Quem não reconhece na *medonha postura* do Adamastor, e em suas lugubres feições, as cores terrenas, a agreste e informe apparencia do temeroso Tormentorio? Avançando aprumado pelo seio do mar Austral, postado ás portas do Oceano Indico, cercado continuamente de ondas gigantescas (b), coroado de nuvens ameaçadoras, prenhes das mais terriveis tempes-

(a) Barros, D. 1. l. 3. c. 4.

(b) We have had the opportunity of seeing those gigantic waves, of which I have often heard as prevailing in these latitudes. *Heber's Journal of a voyage to India*, t. 1. p. XLIX.

tades (*a*) — tudo impressionou a imaginação de Camões para transformar aquelle pedaço de natureza morta, em espantoso gigante, que naquelle *passo* perigoso defendia a velha *Idolatria* contra as invasões do *Christianismo*. Este caracter epico soube tambem o poeta imprimir em outra grande creação de seu engenho. As figuras do Indo e do Ganges com *a cor da pelle baça e denegrida*, e pelas circumstancias que caracterisam os dous rios, já a ambos, já individualmente, são um symbolo magnifico das ignotas regiões que a audacia portugueza patenteára ao mundo.

Assim como os grandes quadros da natureza inspiram a Camões a mais sublime poesia; assim a historia é para elle a rica palheta donde vai tomando, aqui e alli, as tintas ainda informes, que depois hão-de brilhar distribuidas por seu magico pincel. Castanheda, Barros, Goes, em um ou outro incidente, fornecem a Camões, ora um vivido toque de luz, ora uma brilhante comparação, ora finalmente um bellissimo episodio. Tal é, por exemplo, aquelle em que as Nereiadas, *oppondo seus brandos peitos* á dura prôa da nau capitaina, estorvam que ella corra a uma ruina inevitavel, entrando no inimigo porto de Mombaça. (*b*)

Este o modo de proceder do nosso poeta, que como

(*a*) Est veró hoc promontorium navigantibus periculosum ob nubeculas horrendarum tempestatum feraces. *Bunenis Nota ad Cluverii Geog.* pag. mihi 662.

(*b*) Compare-se Barros, cap. 5. l. 4. D. 1. com Lus. c. II. est. 14 — 30.

vimos é o da epopea na sua grandeza primitiva. A este mesmo genero de invenção pertence tambem o episodio da Ilha de Venus com seus principaes pormenores. Não sustentarei agora que a idea da ilha *undivaga* fosse suscitada pela passagem de Barros. Confesso que acho plausivel a opinião de Faria; talvez pelo unico motivo de que lendo aquelle lugar do historiador, sem ter lembrança do commentario, eu mesmo tive instantaneamente o mesmo pensamento. O que porém eu porei em toda a evidencia pela confrontação da historia com o poema, é que com as *reliquias da verdade* se formou esta risonha e inimitavel ficção. E' pois no mundo real que devemos procurar o prototypo da Ilha dos Amores. . . . .

Quando se queira disputar a authenticidade da licção daquelle famoso verso « Da mãe primeira c'o terreno seio » eu mostrarei, independente desse lugar, que fôra no mar *Indico* que o poeta collocára a ilha dos namorados. Seja porém qual fôr a verdadeira licção desse verso, é certo que, desde a apparição dos Lusiadas até hoje, ainda se não deu outra interpretação a essa passagem. (*a*) Venus, tendo meditado a maneira

(*a*) D. José Maria de Sousa macúla algumas paginas da sua edição monumental com injurias vulgares a Faria e Sousa, por este ter tido a *ousadia* de *conservar* uma correcção feita por seus antecessores, e que intendeu ser indispensavel para o metro e para o sentido. O meu illustre amigo o Snr. Barreto Feio, a cujo nome o meu obscuro tem a honra de andar associado na ed. de Hamburgo de 1834, sustentou de uma maneira triumphante a necessidade daquella correcção. O Morgado de Matheus não devia limitar seus contumeliosos

porque havia de galardoar os seus protegidos navegantes, e offerecer-lhes algum descanço, depois dos trabalhos tam fortemente soffridos.

---

argumentos a apontar-nos alguns exemplos do uso da dierese. Para nos convencer de que a intelligencia que Faria, e com elle todos os traductores dos Lusiadas, antes e depois da apparição dos Commentarios, dava a este lugar era *ridicula*, era mister que se dignasse dizer-nos o sentido que sua sagacidade dava ao verso *Da primeira c'o terreno seio*. Isto é o que infelizmente o nobre editor se esqueceu de fazer, por tres differentes vezes que veio á carga sobre o assumpto. A auctoridade de Manoel Correa, que *parece* apoiar-se na do proprio Camões, é o unico argumento de algum valor, que addúz o M. de M. para sustentar aquella licção defeituosa. Mas não terão as palavras de Correa outra significação? Ei-las aqui: « Assi fez Luis de Camões este verso, e não como anda impresso: *Da mãy primeira c'o terreno seio:* — que foi accrescentamento da syllaba *mãy*, por crerem que faltava ao verso, o que não é. Nem a palavra *mãy* naquelle lugar quer dizer cousa que satisfaça: quando as syllabas da palavra *primeira* tem quatro, pois tem quatro vogaes. *E ainda que o ei seja diphtongo, e se toma por uma syllaba só, costumão os poetas dividi-los. E assi o ouvi a Luis de Camões.* (Os Lus. com. por M. Correa fol. 248.)» Mas que é que M. Correa ouvio a L. de C.? Seria somente a theoria da dierese, ou a sua applicação a este verso? No primeiro caso caduca o grande argumento do Morg. de Math.; mas se Correa quer inculcar o segundo, então é justo que não dêmos fé ás suas palavras. Se Correa consultou o poeta sobre este verso, é porque lhe achou difficuldade. Ora esta era duplicada — 1.º quanto ao metro — 2.º quanto á syntaxe e ao sentido. Supponhamos que a primeira duvida ficava resolvida com a applicação do *trema* á palavra *prim̈eira*; mas a segunda e a mais importante? Com quem concorda *primeira*? Se é com ilha, qual é essa ilha? e se não é, como suppria Camões essa ellipse? Eis-aqui o que não nos disse o bom *commentador*, e o que de certo diria, se realmente tivesse consultado o poeta sôbre esta passagem. Que elle não ligava idea alguma áquelle verso se deixa ver de sua inepta coarctada, de que a palavra *mãe* naquelle lugar não quer dizer cousa que *satisfaça*.

Agora direi como foi introduzida a palavra *mãe* na-

. . . . determina
De ter-lhe aparelhada lá no meio
Das aguas alguma insula divina,
Ornada de esmaltado e verde arreio:
Que muitas tem *no reino que confina*
Da mãe primeira c'o terreno seio.
IX. — 21.

Ou estes versos se tomem como uma periphrase do parayso terreal, ou de toda a Asia, como berço do

---

quelle verso. Faria e Sousa diz: *Yo no sé quien lo hizo, pero está bien hecho.* Esta licção encontra-se pela primeira vez na ed. de 1609, por Pedro Crasbeeck; porem o verdadeiro auctor da emenda foi o portuguez *Bento Caldeira* (Benito Caldera) na sua trad. castelhana, publicada em 1580, isto é, oito annos depois da publicação dos Lusiadas. Eis aqui a trad. de toda a estancia:

Esto ya bien pensado, determina
Tener dentro en la mar manso y sereno,
Aparejada alguna Isla divina,
Adornada de esmalte verde, ameno.
Que Islas tiene en el reyno que confina
DE LA PRIMERA MADRE con el seno,
Sin aquellas que manda soberanas
Dentro allá de las puertas Herculanas.

No mesmo anno de 1580 appareceu outra trad. castelhana de *Luis Gomes Tapia*, que tradusio assim:

Qual las tiene en el reyno que confina
Con el que al hombre fué de poca tura.

Estou persuadido, como disse, que Pedro Crasbeeck tomou de Benito Caldera a sua licção; mas é notavel que o monosyllabo *mãe* é a *unica* palavra portugueza que podia aqui satisfazer simultaneamente as necessidades do metro, da syntaxe e do sentido. A visivel mutilação deste verso nas edições originaes deu causa a uma multidão de variantes, de que o meu amigo Thomaz Norton me offereceu uma curiosa nota extrahida da sua inestimavel collecção camoniana, e que se achará no fim desta carta.

genero humano, segundo a historia e a revelação (*a*); era a ilha de Venus uma das muitas que a Deusa possuia nos mares orientaes. Mas alem das provas que apresentarei quando marcar a altura em que ficava està ilha, ainda podemos dispensar este testimunho controverso, porque temos a declaração directa e incontestavel do proprio Camões.

No canto prophetico em que a Nynfa revela ao Gama as futuras façanhas dos Portuguezes *no Oriente*, diz ella fallando de D. Duarte de Menezes:

> Virá depois Menezes, cujo ferro
> Mais na Africa que CA' terá provado.
> X. — 53.

Aqui se mencionam os dous principaes theatros do valor portuguez: um na Africa Septemtrional, em que o Conde de Tarouca se tinha cuberto de gloria, como capitam de Tangere; outro no Oriente, para onde *viria* como governador, sem comtudo se ter ainda distinguido nestas partes como seus antecessores. A Nynfa diz claramente que é neste ultimo lugar que ella está collocada, quando faz esta prophecia. Indicações analogas occorrem repetidas vezes por todo o canto decimo.

Aqui temos pois a ilha de Venus collocada nos mares orientaes e excluida, pelas proprias palavras do poeta, a opinião dos que queriam que fosse a de Santa

---

(*a*) Ipsa terra Asiæ ab initio rerum omnium nobilissima; ut quæ prima genus mortalium intra se conspexit et in alias mundi partes emisit. Cluver. Geog. lib. v. c. I. § 2.

Helena, e a do Morgado de Matheus que a colloca debaixo dos ceos da Europa! Mas não só estas opiniões senão tambem a de Faria serão completamente refutadas quando chegarmos á revelação deste mysterio secular.

Vimos como o poeta se impõe o dever de fantesiar suas brilhantes creações sobre a base da natureza e de historia. Accompanhemos pois os ousados navegantes no seu regresso á patria, combinemos a derrota do poema com o roteiro dos historiadores, e ficaremos habilitados para marcar na carta a paragem daquella *insula divina.*

Com a descuberta da cidade de Calecut no Malabar conclue Vasco do Gama a sua tam ardua como gloriosa missão. Deixando aquelle porto inimigo sem ficar assentada a paz com o Samorim, a expedição, antes de se fazer definitivamente no rumo da Europa, vai singrando ao longo da costa do Malabar, até ao grupo das ilhas Anchedivas. Em uma dellas faz o Gama aguada, espalma as naus e se aparta finalmente da costa da India, pondo a proa á Africa Oriental. (a) Esta derrota do historiador é a que o poeta resume nestes versos:

> Parte costa abaixo, porque entende
> Que em vão c'o rei gentio trabalhava
> Em querer delle paz.
> . . . .
> Mas como aquella costa que s'estende
> Pela Aurora sabida já deixava,
> Com estas novas torna á patria cara.
> IX. — 13.

(a) Barros, D. I. l. 5. c. 11.

Assim, ainda que a *visão estranha* causada pelo estratagema do corsario Timoya podesse ter suggerido a Camões a idea da *ilha undivaga*, é certo que não foi na altura das Anchedivas, que Venus a *fez firme e immovel*, como pretende Faria e Sousa. Essas ilhas ficam pegadas com a costa do Malabar, e a apparição da ilha de Venus só teve lugar depois de

> Apartadas assim da costa ardente
> As venturosas naus, levando a proa
> Para onde a natureza tinha posta
> A meta austrina da Esperança Boa.

IX. 16.

Note como o proprio poeta marca nestes versos os limites, dentro dos quaes devemos procurar a situação da ilha dos amores. Estes limites são ao Nordeste a costa do Malabar, incluindo o grupo das Anchedivas, donde as naus voltaram a proa á Africa; e ao Sul o cabo da Boa Esperança. E' portanto dentro delles que devemos achar aquella ilha, se continuarmos a navegar com os descubridores da India.

Durante uma enfandonha navegação de tres mezes atravez do grande golfão que separa a Africa da India, os navegantes soffrem os mais duros trabalhos. Uma parte consideravel da expedição é victima do scorbuto, o resto se acha reduzido á extrema miseria. Neste lastimoso estado, a uma distancia fabulosa da patria, cercados por toda a parte de povos barbaros e inimigos, imaginemos o alvoroço com que os trabalhados

aventureiros avistariam o amigo perto de Melinde! Este quadro traçado pela mão de um que pôde

. . . . narrar altrui
La novità veduta e dire: IO FUI! (*a*)

merece ser aqui reproduzido, para bem se avaliar a influencia exercida pela historia no espirito de Camões. « Andamos tanto tempo em esta travessa que tres mezes menos tres dias gastamos nella, (*b*) isto com muitas calmarias e ventos contrairos que em ella achamos, de maneira que nos adoeceo toda a gente das gengivas, que lhe creciam sobre os dentes em tal maneira que nem podiam comer, e iso mesmo lhes inchavam as pernas e grandes outros inchaços pelo corpo, de guisa que lavravam hum homem tanto até que morria sem ter outra nenhũa doença: da qual morreram em o dito tempo trinta homes, afóra outros tantos que eram mortos; e os que navegavam em cada naoo seriam sete ou oito homens e estes nem eram ainda sãos como aviam de ser; do que vos afirmo que se nos mais duráre aquelle tempo quinze dias, andáramos por esse mar através, que nem houvera hy quem navegára os navios. E andando nós assy nesta cuyta faziamos muytos prometimentos a Santos, e petitores pelos navios. E os capitães tinham já fecto conselho, que se nos vento igual acudisse, que nos tornase a

(*a*) Tasso, Ges. lib. c. xv. e. 38.
(*b*) Vasco da Gama tinha feito esta mesma travessa em 20 dias, quando demandava Calicut.

terra da India donde partiramos, de arribarmos a ella. Quiz-nos Deus por sua misericordia dar tal vento que em obra de seis dias nos trouxe a terra, *com a qual folgamos tanto como se fôra de Portugal, porque esperavamos, com a ajuda de Deus, guarecer em ella como da outra vez.* » (a)

Os miseros navegantes não foram com effeito illudidos em suas doces esperanças. No amigo porto de Melinde acharam o mesmo confôrto e gasalhado que já tinham experimentado *da outra vez*, e de que agora mais do que nunca precisavam. *Carneiros, gallinhas, ovos, laranjas, com outras muytas fruitas*, foram os deliciosos refrescos, com que restauraram suas forças quasi exhaustas. (b)

Assim como os descubridores depois de abandonar a costa da India, não tornam a ver terra até avistar a costa do Zanguebar; assim os heroes dos Lusiadas uma vez *apartados da costa ardente*, só veem terra quando a sua deusa protectora lhe faz sair ao encontro uma das muitas ilhas que possuia nos mares orientaes. O miserando estado em que ia a expedição, seus longos e acerbos padecimentos atravez do mar Indico, o gasalhado e refresco inestimavel, que finalmente encontraram em Melinde, foram sem duvida elementos primitivos de que se formou o episodio da Ilha dos amo-

---

(a) Roteiro da viag. de V. da Gama, publ. por Diogo Kopke, pag. 100.

(b) Rot. de V. da Gama, pag. 103. — Barros, D. I. l. 4. c. 11.

res. Venus, fazendo surgir aquella deleitosa estancia do fundo do *mesmo mar que tam temeroso lhes fôra*, (a) quiz

> Buscar-lhe algum deleite, algum repouso,
> . . . .
> Algum descanço emfim com que podesse
> Refocilar a lassa humanidade
> Dos navegantes seus.
>
> IX. — 19 — 20.

A bella deusa, nas palavras que dirige a seu filho para o indusir a secunda-la no seu projecto, já allude aos trabalhos que os portuguezes tinham passado até chegar a Melinde. Não só lhe recorda as hostilidades que experimentaram em Calecut, mas ainda seus acerbos padecimentos e miserandas mortes durante a longa travessa do grande golfão.

> . . . . das insidias do odioso
> Baccho foram na India molestados,
> E das injurias sós do mar undoso
> *Puderam mais ser mortos que cansados.*
>
> IX. — 39.

A concordancia entre a historia e o poema até aqui é rigorosa. Deste parallelo está saltando aos olhos, que Venus fizéra a sua ilha *firme e immovel* junto á costa da Africa Oriental, aonde os navegantes levavam a proa posta, e donde ainda não tinham avançado. Camões não tem em vista uma banal imitação,

---

(a) Lus. c. IX, e. XXXIX.

mas a realidade, quando põe os cançados navegantes em companhia das nynfas a um banquete

. . d'altos manjares, excellentes,
. . . . . . que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.
X. — 2.

Nós que assim temos accompanhado a fatidica Expedição, roçando com um remo a segura costa da Historia, e talhando com o outro o mar alto da Poesia, não lhe parece, meu amigo, que devemos acharnos na altura da *Ilha dos amores?* Mas o fragil paugayo, que nos conduz, ainda a não avistou, supposto que já recendam seus aromas, embalsamando os ceos do Zanguebar sob que nos achamos. Continuemos pois a vogar na esteira da immortal nau *S. Gabriel*, e eu lhe prometto que, *por uma bella madrugada*, surjamos com a nova Argós naquella insula divina.

Deixemos ainda fallar o argonauta historiador. Esta narração de tam extraordinario commettimento, feita na *primeira pessoa*, tem para mim um encanto ineffavel. « Partimo-nos de Melinde, onde estivemos cinquo dias folgando e desquançando de quanto trabalho tinhamos passado na travessa, onde todos ouveramos de morrer. . . . E a um domingo que foram xxvij dias de Fevereiro nos partimos daqui *(em frente de Tomugata)* com muy bom vento á popa, e a noute seguinte payramos, e *quando veio a manham* nos achamos junto com hũa ilha muito grande, que se chama

Jamgiber. » (a) Pobre chronista, que assim desfiguraste o nome da formosa ZANZIBAR!

Antes de passarmos a contemplar a gloriosa paysagem que offerece esta ilha encantadora, para sermos fieis ao nosso duplicado roteiro, verifiquemos o momento em que os quebrantados navegantes

. . . . com *subita* alegria
Houveram vista da ilha namorada.

Este momento não podia ser mais bem escolhido pela imaginação, do que fôra deparado pela realidade. Por isso Camões, aproveitando esta poetica circumstancia, poz aquelle inesperado encontro ao despontar da aurora:

Rompendo pelo ceo a mãe formosa
Do Memnonio, suave e deleitosa.
IX. — 51.

Quer agora alcançar, meu amigo, uma vista fugitiva da gloriosa vegetação desta ilha; aspirar seus suavissimos perfumes, ouvir o murmurio da *sonorosa linfa fugitiva*, embrenhar-se naquellas odoriferas matas de cidreiras e larangeiras, em que os nossos callejados argonautas fizeram tam *estranha caça*? Abra a historia de D. Manoel do bispo Osorio, e ahi achará mencionada a chegada do Gama a Zanzibar no elegante latim do Cicero portuguez: *Tertio kal. Martii pervenit in insulam nomine* Zanzibarim, *fertilem et opimam, fonti-*

(a) Rot. de V. da Gama.

bus crebris et densis nemoribus amœnam, multisque gregibus abundantem;.... in qua, præter alias arbores, altissimæ Mali medicæ in sylvis sponte nascuntur, *à quarum floribus, cùm ventus leniter spirat, in loca etiam longinqua suavissimi odores afflari dicuntur.* (*a*)

Osorio só individualisa as cidreiras como uma das arvores que crescem spontaneamente na ilha de Zanzibar. Já, antes delle, observára Damião de Goes, que entre as muitas fructas de que abundava esta ilha, se tornava notavel a familia das arvores d'espinho. (*b*) Duarte Barbosa, o companheiro da tragica sorte do grande Fernão de Magalhães, visitando no começo do seculo XVI o grupo formado pelas tres ilhas *Monfia*, *Pemba* e *Zanzibar*, se demora a descrever sua grande fertilidade, e diz: « de *laranjas* e *limões* e *cidras* são os matos todos cheios dellas e de todalas outras fruytas. » (*c*) Um

---

(*a*) *Hier. Osor. de rebus Eman.* l. II. p. 55, ed. 1571. « Aos 26 de Fevereiro veio á ilha de Zinzibar, ilha abastada e fertil, mui amena, pelas suas frequentes fontes e copados bosques, grossa de gados... e que entre suas muitas arvores produz sem cultura nas devezas altissimos limoeiros (cidreiras?) de cujas flores, quando os ventos vão brandos, são perfumados de suavissimo cheiro, segundo dizem, ainda os sitios mais remotos. O Principe daquella ilha, dado que sequaz de Mafamede, agasalhou todavia o Gama com agrado, e o presenteou com viandas e fructas. » Trad. de Franc. Man. do Nascimento, t. 1. p. 221—2.

(*b*) « He esta ilha muito viçosa de rios, fontes, criações e fructas, tanto que nos matos nascem *larangeiras* e outras *arvores de espinho*, que dão muito boa fructa. » Chron. de D. Man. P. 1. c. 44.

(*c*) Livro de Duarte Barbosa, na Collec. de Notic. para a hist. e geog. das naç. ultramarinas, pag. 240.

outro observador portuguez, contemporaneo de Camões, que tambem visitou este formoso grupo, chega a inspirar-se de uma certa poesia, quando descreve suas romanticas paysagens. « Todas ellas são mui frescas. Os matos cheios de toda a sorte de *laranjas*, *limões*, *cidras*, palmeiras e outras muitas e varias fruytas bravias..... Viemos maravilhados da fresquidão da ilha e bondade das arvores, das muitas e alegres correntes d'agua, do alto e copado arvoredo, que lançando seus troncos por cima das vagarosas ribeiras, parecia que com saudoso rumor se queixavam por verem misturar suas doces aguas nas salgadas. » (*a*) Em fim não ha viajante, que visitasse a costa do Zanguebar, que não detivesse olhos complacentes sobre este risonho archipelago e não descrevesse com amor sua rica vegetação, suas aguas crystalinas, seus copados arvoredos e muito especialmente os odoriferos bosques das arvores d'espinho.

Eis ahi o quadro que tambem impressionou a imaginação de Camões, não só como lido nas cousas daquellas regiões; mas como *observador immediato* da natureza. O poeta voltando ao reino, passou o inverno de 1567—8 em Moçambique, na mesma costa do Zanguebar, onde *continuou escrevendo no seu poema*. (*b*) Attrahido sem duvida por este gracioso espectaculo,

---

(*a*) Itiner. da India até ao reino, por Fr. Gaspar de São Bernardino, fol. 17—18.

(*b*) Couto, Dec. 8. l. 1. c. 26.

deu a estas tres arvores da mesma familia o *primeiro plano* na sua encantadora paysagem.

Mil arvores estão ao ceo subindo
Com pomos odoriferos e bellos:
A *larangeira* tem no fructo lindo
A côr que tinha Daphne nos cabellos;
Encosta-se no chão, que está cahindo
A *cidreira* c'os pesos amarellos:
Os formosos *limões*, alli cheirando,
Estão virgineas telas imitando.

IX. — 56.

Aqui temos pois que essas arvores odoriferas, que, segundo parece insinuar o illustre Humboldt, se acham *despaysadas* nas regiões tropicaes, onde com rasão elle colloca a ilha encantada, crescem alli espontaneas, e produsem com mais vigor do que nos climas meridionaes. Debaixo dos nossos ceos precisam ellas de uma certa cultura, em quanto, na ilha dos namorados,

Os dons que dá Pomona, alli natura
Produse differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura;
Que sem ella se dão muito melhores. (*a*)

IX. — 58.

Eu não quero dissimular a ausencia da vegetação exclusivamente tropical nesta bella paysagem. Pare-

(*a*) « As laranjas, os limões, as toranjas nascem pelos campos como qualquer outro arvoredo, tam bellas e tam formosas como nos nossos agricultados pomares. » Sebast. Xav. Botelho, Mem. estatist. sobre os domin. portug. na Africa Orient. pag. 98.

ce-me ser este com effeito o espirito da observação do veneravel auctor do *Cosmos*. Tambem não sustentarei, porque o ignoro, que todas as arvores, flores e animaes, que decoram a ilha de Venus se encontram em *Zanzibar*. Nem aquella falta, nem alguma incoherencia, que por ventura possa haver na *geographia das plantas* ou animaes que entram na descripção Camoniana, podem prejudicar a situação de ilha de Venus, nem tampouco servir de censura ao seu auctor. A ausencia de vegetação exclusivamente tropical será objecto de um exame particular; e quanto ao segundo reparo, só direi que o poeta não se propoz a copiar rigorosamente a realidade; mas a faze-la servir aos fins da poesia. Dada a feliz similhança entre aquella vegetação e a da Europa, na maxima parte dos seus elementos, o poeta tinha liberdade de *compor* o seu quadro do modo que mais impressionasse a imaginação de seus leitores. Similhante a um pintor *amavel*, que retratando uma dama lhe dá com seu habil pincel, já mais animação nos olhos, já mais viveza no colorido, já mais elegancia na attitude, do que realmente tem o seu modelo, sem comtudo deixar de fazer um retrato: Camões tambem podia fazer realçar os encantos do seu painel com toques que lisongeassem a imaginação de um europeu, sem deixar por isso de pintar *d'après nature* o fundo do seu quadro.

O poeta vio sem duvida a maior parte dos objectos, que entram na sua descripção, debaixo dos climas em que collocou a sua ilha. De *quatorze* arvores que

elle nomea, *nove*, pelo menos, sei que florecem na costa do Zanguebar ou na propria ilha de Zanzibar. São estas a *larangeira*, a *cidreira*, o *limoeiro*, a *amoreira*, o *peceguciro*, a *romanzeira*, a *videira*, o *ulmeiro* e o *myrto*. E' verdade que estas arvores nem todas são indigenas daquelle clima, e o proprio Camões o declara do peceguciro,

. . . . . que da patria Persia veio
Melhor tornado em terreno alheio.
IX. — 58.

Geralmente se pensa que o poeta, preoccupado com a vegetação europea, allude aqui á transplantação deste fructo para os nossos climas. Mas é preciso que antes de o accusarmos de *dormitar*, examinemos se elle não estava accordado, em quanto nós tinhamos os olhos fechados. Diz Camões que uma das bellas arvores que ornava aquella paysagem era o peceguciro, indigena da Persia, aonde era venenoso, e exotico na ilha de Venus, onde se tornára um pomo saborosissimo. Esta circumstancia é plenamente confirmada pelas relações dos viajantes. Botelho diz: « Os Arabios do Zanzibar transplantaram aquellas arvores, que pela analogia do clima pegaram, medraram e produsem copiosamente. Não damos em linguagem o nome destas arvores, porque as não havemos, á excepção do *Pesseguciro* e da *Amoreira.* » (*a*) Mas nem por ser a authoridade dos

---

(*a*) Mem. estatist. pag. 359.

nossos dias se intenda que a existencia do pecegueiro é moderna naquellas regiões, Fr. João dos Santos, um dos mais noticiosos e agradaveis viajantes dos principios do sec. XVII, menciona os pecegos, como uma das muitas fructas do Zanguebar. (a) E' tambem este viajante quem nos ensina que a *romanzeira* alli se encontra n'uma perpetua florescencia e fructificação, *bem* como as *videiras* que produsem duas vezes no anno, (b) apresentando por isso « uns cachos roxos e outros verdes » (c) Os myrtos são quasi todos originarios dos Tropicos, onde cresce o myrto propriamente dito. (d) E, com effeito, onde nós vemos florecer a romanzeira com tam extraordinario vigor, não faltam os myrtos da mesma familia. (e) *Castel* descrevendo a Ilha de Madagascar, diz:

Suspira sobre o *myrto* a bengalinha. (f)

O *ulmeiro* finalmente é mencionado pelo nosso argonauta, o auctor do Roteiro de Vasco da Gama. (g) Se quizermos accrescentar que nesta mesma costa ha ce-

(a) Ha muitas uvas e *pessegos*, que amadurecem em Fevereiro e durão até todo o Abril. *Ethiop. Orient.* f 112 v.

(b) Nas terras de Sofala ha muitas hortas que tem hortaliça como a de Portugal, e muitas arvores de fructo, como são *Romeiras* que todo o anno tem romãs, hũas verdes, outras maduras, e outras em flor....... Muitas *parreiras* que dão uvas duas vezes no anno, hũas em Janeiro, outras em Julho. Ibid. pag. 274.

(c) Lus. c. IX. e. LIX.

(d) Richard, Nouveaux élémens de Botanique, pag. 297.

(e) « Ha *buxos* cuja altura e corpulencia do tronco excede á dos carvalhos e sobreiros. » Bot. Mem. est. p. 183.

(f) As Plantas, trad. de Boc. p. 61.

(g) Rot. p. 30.

dros tam formosos como os do Libano, e em tanta abundancia que formam grandes e espessos bosques como os nossos mais cerrados *pinhaes* (*a*); não estranharemos que o *pinheiro* e particularmente o *cypreste* que pertencem á mesma familia das arvores coniferas, achassem lugar na descripção daquella paysagem.

Da Chloris desta ilha, para fallar á linguagem do poeta, apontarei tres flores que esmaltam os prados da Africa oriental. São estas a *rosa*, a *mangerona* (*b*) e as *violas* (*c*) — « as violas da côr dos amadores » que sem duvida alguma são a mimosa florinha a que modernamente damos o nome de *amor-perfeito.* (*d*)

Resta-me fallar da zoologia da Ilha de Venus. Ahi se encontra o *veado*, a *lebre*, e a *gazella*, animaes todos conhecidos na Africa oriental, (*e*) assim como o *rouxinol.* (*f*) Só pois o cysne, que os naturalistas dizem não habitar senão os climas frios, parece achar-se constrangido naquella deliciosa estancia. Tenhamos porém em vista que o cysne que ousa disputar melodia com philomela, não é a ave dos ornithologos, mas dos poetas, e que como tal *é indigena* de todas as descripções desta natureza.

(*a*) Botelho, Mem. estat. p. 183.
(*b*) Botelho, pag. 273.
(*c*) Ibid. p. 274.
(*d*) Vid. no fim desta carta Nota sobre a violeta dos poetas.
(*e*) « Em todas as terras de Sofala se crião muitas e varias especies de animaes sylvestres, como são porcos, *lebres*, *veados*, *gazellas*, &c. &c. *Ethiop. Orient.* f. 31. v. 1.ª Parte.
(*f*) Ibid. f. 113.

Eis-ahi, meu amigo, um quadro authentico do reino vegetal e animal da Africa oriental, e especialmente da ilha de Zanzibar, na parte aproveitada por Camões para decoração da sua insula divina. O aspecto de toda ella apresenta feições tam meridionaes, que os observadores antigos que citei, e o moderno auctor da Memoria sobre as nossas possessões africanas, repetidas vezes se comprazem em comparar áquella região ao solo de Portugal. O P.[e] José Agostinho não deixou de reparar nesta notavel similhança (*a*) e na deliciosa perspectiva da costa do Zanguebar. (*b*) Se elle *pescasse* que era nestas paragens que o grande homem tinha collocado a sua ilha *divina*, esteja certo de que seria ahi mesmo, e não em *Santa Helena*, que o insolente e torpe plagiario teria collocado a sua *ilha satanica*.

Aqui seria o lugar proprio para se explicar a rasão porque Camões excluio de seus quadros a vegetação tropical desconhecida então na Europa. Mas antes de tomar em consideração a censura do illustre Humboldt, tenho de completar a primeira parte deste estudo.

(*a*) Não longe do Equador, pelo arenoso
Ethiopico seio hum rematado
Quadro de Lysia veem, tanta belleza
Capricho foi da sabia Natureza.

Oriente, C. VII. E. 75.

(*b*) Campos, prodigios n'Africa, lavados
De argenteas agoas, zephiros mimosos,
Quaes finge em Tempe antiga poesia,
Divino fogo em Grega fantasia.

C. VI. E. 44.

O poeta, como vimos, não perdendo nunca de vista a realidade, vai sempre progredindo em parallello com a historia, narrando os factos, já directamente, já pela boca do Gama. Umas vezes os successos da viagem são contados naturalmente, outras vezes a verdade é violada *em parte* pelo maravilhoso. A este ultimo modo pertence a passagem do Cabo da Boa Esperança a os acontecimentos de Mombaça. Deste genero *mixto* é tambem o episodio do primeiro recebimento do Gama em Melinde. A historia contava que os navegantes ahi tinham encontrado um benigno acolhimento; e Camões, fiel ao seu systema de não desmentir nem omittir a historia, contenta-se com a violar poeticamente. A causa desta hospitalidade era o terror que as bombardadas de Mombaça e Moçambique tinham incutido no Xeque de Melinde; mas para o poeta aquella brandura, tam inesperada n'um peito sarraceno, é produsida pela agencia sobrenatural da bella protectora dos Portuguezes. Os navegantes eram finalmente chegados a Calecut, sem que o poeta tivesse eclipsado totalmente os factos historicos com o astro brilhante da sua fantesia. Mas, apenas voltada a prôa em demanda do ninho paterno, Camões põe o remate á grande epopea com um episodio de puro maravilhoso. Para isto teve elle duas rasões. A primeira era que, não lhe offerecendo a historia da expedição outro incidente notavel, senão a segunda arribada a Melinde; elle não queria repetir-se, reprodusindo um facto analogo ao que já tinha fornecido um brilhante episodio ao seu poema. A segunda e a mais

Helena, e a do Morgado de Matheus que a colloca debaixo dos ceos da Europa! Mas não só estas opiniões senão tambem a de Faria serão completamente refutadas quando chegarmos á revelação deste mysterio secular.

Vimos como o poeta se impõe o dever de fantesiar suas brilhantes creações sobre a base da natureza e de historia. Accompanhemos pois os ousados navegantes no seu regresso á patria, combinemos a derrota do poema com o roteiro dos historiadores, e ficaremos habilitados para marcar na carta a paragem daquella *insula divina*.

Com a descuberta da cidade de Calecut no Malabar conclue Vasco do Gama a sua tam ardua como gloriosa missão. Deixando aquelle porto inimigo sem ficar assentada a paz com o Samorim, a expedição, antes de se fazer definitivamente no rumo da Europa, vai singrando ao longo da costa do Malabar, até ao grupo das ilhas Anchedivas. Em uma dellas faz o Gama aguada, espalma as naus e se aparta finalmente da costa da India, pondo a proa á Africa Oriental. (a) Esta derrota do historiador é a que o poeta resume nestes versos:

Parte costa abaixo, porque entende
Que em vão c'o rei gentio trabalhava
Em querer delle paz.
. . . .
Mas como aquella costa que s'estende
Pela Aurora sabida já deixava,
Com estas novas torna á patria cara.
IX. — 13.

(a) Barros, D. I. l. 5. c. 11.

Assim, ainda que a *visão estranha* causada pelo estratagema do corsario Timoya podesse ter suggerido a Camões a idea da *ilha undivaga*, é certo que não foi na altura das Anchedivas, que Venus a *fez firme e immovel*, como pretende Faria e Sousa. Essas ilhas ficam pegadas com a costa do Malabar, e a apparição da ilha de Venus só teve lugar depois de

> Apartadas assim da costa ardente
> As venturosas naus, levando a proa
> Para onde a natureza tinha posta
> A meta austrina da Esperança Boa.
>
> IX. — 16.

Note como o proprio poeta marca nestes versos os limites, dentro dos quaes devemos procurar a situação da ilha dos amores. Estes limites são ao Nordeste a costa do Malabar, incluindo o grupo das Anchedivas, donde as naus voltaram a proa á Africa; e ao Sul o cabo da Boa Esperança. E' portanto dentro delles que devemos achar aquella ilha, se continuarmos a navegar com os descubridores da India.

Durante uma enfandonha navegação de tres mezes atravez do grande golfão que separa a Africa da India, os navegantes soffrem os mais duros trabalhos. Uma parte consideravel da expedição é victima do scorbuto, o resto se acha redusido á extrema miseria. Neste lastimoso estado, a uma distancia fabulosa da patria, cercados por toda a parte de povos barbaros e inimigos, imaginemos o alvoroço com que os trabalhados

aventureiros avistariam o amigo perto de Melinde! Este quadro traçado pela mão de um que póde

. . . . narrar altrui
La novità veduta e dire: IO FUI! (a)

merece ser aqui reproduzido, para bem se avaliar a influencia exercida pela historia no espirito de Camões. « Andamos tanto tempo em esta travessa que tres mezes menos tres dias gastamos nella, (b) isto com muitas calmarias e ventos contrairos que em ella achamos, de maneira que nos adoeceo toda a gente das gengivas, que lhe creciam sobre os dentes em tal maneira que nem podiam comer, e iso mesmo lhes inchavam as pernas e grandes outros inchaços pelo corpo, de guisa que lavravam hum homem tanto até que morria sem ter outra nenhũa doença: da qual morreram em o dito tempo trinta homes, afóra outros tantos que eram mortos; e os que navegavam em cada naoo seriam sete ou oito homens e estes nem eram ainda sãos como aviam de ser; do que vos afirmo que se nos mais durára aquelle tempo quinze dias, andáramos por esse mar através, que nem houvera hy quem navegára os navios. E andando nós assy nesta cuyta faziamos muytos prometimentos a Santos, e petitores pelos navios. E os capitães tinham já fecto conselho, que se nos vento igual acudisse, que nos tornase a

(a) Tasso, Ges. lib. c. xv. e. 38.

(b) Vasco da Gama tinha feito esta mesma travessa em 20 dias, quando demandava Calicut.

terra da India donde partiramos, de arribarmos a ella. Quiz-nos Deus por sua misericordia dar tal vento que em obra de seis dias nos trouxe a terra, *com a qual folgamos tanto como se fôra de Portugal, porque esperavamos, com a ajuda de Deus, guarecer em ella como da outra vez.* » (a)

Os miseros navegantes não foram com effeito illudidos em suas doces esperanças. No amigo porto de Melinde acharam o mesmo confôrto e gasalhado que já tinham experimentado *da outra vez*, e de que agora mais do que nunca precisavam. *Carneiros, gallinhas, ovos, laranjas, com outras muytas fruitas*, foram os deliciosos refrescos, com que restauraram suas forças quasi exhaustas. (b)

Assim como os descubridores depois de abandonar a costa da India, não tornam a ver terra até avistar a costa do Zanguebar; assim os heroes dos Lusiadas uma vez *apartados da costa ardente*, só veem terra quando a sua deusa protectora lhe faz sair ao encontro uma das muitas ilhas que possuia nos mares orientaes. O miserando estado em que ia a expedição, seus longos e acerbos padecimentos atravez do mar Indico, o gasalhado e refresco inestimavel, que finalmente encontraram em Melinde, foram sem duvida elementos primitivos de que se formou o episodio da Ilha dos amo-

---

(a) Roteiro da viag. de V. da Gama, publ. por Diogo Kopke, pag. 100.

(b) Rot. de V. da Gama, pag. 103. — Barros, D. I. l. 4. c. 11.

res. Venus, fazendo surgir aquella deleitosa estancia do fundo do *mesmo mar que tam temeroso lhes fôra*, (a) quiz

> Buscar-lhe algum deleite, algum repouso,
> . . . .
> Algum descanço emfim com que podesse
> Refocilar a lassa humanidade
> Dos navegantes seus.
>
> IX. — 19-20.

A bella deusa, nas palavras que dirige a seu filho para o indusir a secunda-la no seu projecto, já allude aos trabalhos que os portuguezes tinham passado até chegar a Melinde. Não só lhe recorda as hostilidades que experimentaram em Calecut, mas ainda seus acerbos padecimentos e miserandas mortes durante a longa travessa do grande golfão.

> . . . . das insidias do odioso
> Baccho foram na India molestados,
> E das injurias sós do mar undoso
> *Puderam mais ser mortos que cansados.*
>
> IX. — 39.

A concordancia entre a historia e o poema até aqui é rigorosa. Deste parallelo está saltando aos olhos, que Venus fizêra a sua ilha *firme e immovel* junto á costa da Africa Oriental, aonde os navegantes levavam a proa posta, e donde ainda não tinham avançado. Camões não tem em vista uma banal imitação,

---

(a) Lus. c. IX, e. XXXIX.

mas a realidade, quando põe os cançados navegantes em companhia das nynfas a um banquete

> . . d'altos manjares, excellentes,
> . . . . . . que a fraqueza
> Restaurem da cansada natureza.
>
> X. — 2.

Nós que assim temos accompanhado a fatidica Expedição, roçando com um remo a segura costa da Historia, e talhando com o outro o mar alto da Poesia, não lhe parece, meu amigo, que devemos acharnos na altura da *Ilha dos amores?* Mas o fragil paugayo, que nos conduz, ainda a não avistou, supposto que já recendam seus aromas, embalsamando os ceos do Zanguebar sob que nos achamos. Continuemos pois a vogar na esteira da immortal nau *S. Gabriel*, e eu lhe prometto que, *por uma bella madrugada*, surjamos com a nova Argos naquella insula divina.

Deixemos ainda fallar o argonauta historiador. Esta narração de tam extraordinario commettimento, feita na *primeira pessoa*, tem para mim um encanto ineffavel. « Partimo-nos de Melinde, onde estivemos cinquo dias folgando e desquançando de quanto trabalho tinhamos passado na travessa, onde todos ouveramos de morrer. . . . E a um domingo que foram xxvij dias de Fevereiro nos partimos daqui *(em frente de Tomugata)* com muy bom vento á popa, e a noute seguinte payramos, e *quando veio a manham* nos achamos junto com hũa ilha muito grande, que se chama

Jamgiber. » (*a*) Pobre chronista, que assim desfiguraste o nome da formosa ZANZIBAR!

Antes de passarmos a contemplar a gloriosa paysagem que offerece esta ilha encantadora, para sermos fieis ao nosso duplicado roteiro, verifiquemos o momento em que os quebrantados navegantes

. . . . com *subita* alegria
Houveram vista da ilha namorada.

Este momento não podia ser mais bem escolhido pela imaginação, do que fôra deparado pela realidade. Por isso Camões, aproveitando esta poetica circumstancia, poz aquelle inesperado encontro ao despontar da aurora:

Rompendo pelo ceo a mãe formosa
Do Memnonio, suave e deleitosa.
IX. — 51.

Quer agora alcançar, meu amigo, uma vista fugitiva da gloriosa vegetação desta ilha; aspirar seus suavissimos perfumes, ouvir o murmurio da *sonorosa linfa fugitiva*, embrenhar-se naquellas odoriferas matas de cidreiras e larangeiras, em que os nossos callejados argonautas fizeram tam *estranha caça*? Abra a historia de D. Manoel do bispo Osorio, e ahi achará mencionada a chegada do Gama a Zanzibar no elegante latim do Cicero portuguez: *Tertio kal. Martii pervenit in insulam nomine* Zanzibarim, *fertilem et opimam, fonti-*

(*a*) Rot. de V. da Gama.

bus crebris et densis nemoribus amœnam, multisque gregibus abundantem;.... in qua, præter alias arbores, altissimæ Mali medicæ in sylvis sponte nascuntur, à quarum floribus, cùm ventus leniter spirat, in loca etiam longinqua suavissimi odores afflari dicuntur. (*a*)

Osorio só individualisa as cidreiras como uma das arvores que crescem spontaneamente na ilha de Zanzibar. Já, antes delle, observára Damião de Goes, que entre as muitas fructas de que abundava esta ilha, se tornava notavel a familia das arvores d'espinho. (*b*) Duarte Barbosa, o companheiro da tragica sorte do grande Fernão de Magalhães, visitando no começo do seculo XVI o grupo formado pelas tres ilhas *Monfia*, *Pemba* e *Zanzibar*, se demora a descrever sua grande fertilidade, e diz: « de *laranjas* e *limões* e *cidras* são os matos todos cheios dellas e de todalas outras fruytas. » (*c*) Um

---

(*a*) *Hier. Osor. de rebus Eman.* l. II. p. 55, ed. 1571. « Aos 26 de Fevereiro veio á ilha de Zinzibar, ilha abastada e fertil, mui amena, pelas suas frequentes fontes e copados bosques, grossa de gados... e que entre suas muitas arvores produz sem cultura nas devezas altissimos limoeiros (cidreiras?) de cujas flores, quando os ventos vão brandos, são perfumados de suavissimo cheiro, segundo dizem, ainda os sitios mais remotos. O Principe daquella ilha, dado que sequaz de Mafamede, agasalhou todavia o Gama com agrado, e o presenteou com viandas e fructas. » Trad. de Franc. Man. do Nascimento, t. 1. p. 221—2.

(*b*) « He esta ilha muito viçosa de rios, fontes, criações e fructas, tanto que nos matos nascem *larangeiras* e outras *arvores de espinho*, que dão muito boa fructa. » Chron. de D. Man. P. 1. c. 44.

(*c*) Livro de Duarte Barbosa, na Collec. de Notic. para a hist. e geog. das naç. ultramarinas, pag. 240.

outro observador portuguez, contemporaneo de Camões, que tambem visitou este formoso grupo, chega a inspirar-se de uma certa poesia, quando descreve suas romanticas paysagens. « Todas ellas são mui frescas. Os matos cheios de toda a sorte de *laranjas*, *limões*, *cidras*, palmeiras e outras muitas e varias fruytas bravias.... Viemos maravilhados da fresquidão da ilha e bondade das arvores, das muitas e alegres correntes d'agua, do alto e copado arvoredo, que lançando seus troncos por cima das vagarosas ribeiras, parecia que com saudoso rumor se queixavam por verem misturar suas doces aguas nas salgadas. » (*a*) Em fim não ha viajante, que visitasse a costa do Zanguebar, que não detivesse olhos complacentes sobre este risonho archipelago e não descrevesse com amor sua rica vegetação, suas aguas crystalinas, seus copados arvoredos e muito especialmente os odoriferos bosques das arvores d'espinho.

Eis ahi o quadro que tambem impressionou a imaginação de Camões, não só como lido nas cousas daquellas regiões; mas como *observador immediato* da natureza. O poeta voltando ao reino, passou o inverno de 1567—8 em Moçambique, na mesma costa do Zanguebar, onde *continuou escrevendo no seu poema*. (*b*) Attrahido sem duvida por este gracioso espectaculo,

---

(*a*) Itiner. da India até ao reino, por Fr. Gaspar de São Bernardino, fol. 17—18.

(*b*) Couto, Dec. 8. l. 1. c. 26.

deu a estas tres arvores da mesma familia o *primeiro plano* na sua encantadora paysagem.

Mil arvores estão ao ceo subindo
Com pomos odoriferos e bellos:
A *laranjeira* tem no fructo lindo
A côr que tinha Daphne nos cabellos;
Encosta-se no chão, que está cahindo
A *cidreira* c'os pesos amarellos:
Os formosos *limões*, alli cheirando,
Estão virgineas tetas imitando.

IX. — 56.

Aqui temos pois que essas arvores odoriferas, que, segundo parece insinuar o illustre Humboldt, se acham *despaysadas* nas regiões tropicaes, onde com rasão elle colloca a ilha encantada, crescem alli espontaneas, e produsem com mais vigor do que nos climas meridionaes. Debaixo dos nossos ceos precisam ellas de uma certa cultura, em quanto, na ilha dos namorados,

Os dons que dá Pomona, alli natura
Produse differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura;
Que sem ella se dão muito melhores. (*a*)

IX. — 58.

Eu não quèro dissimular a ausencia da vegetação exclusivamente tropical nesta bella paysagem. Pare-

(*a*) « As laranjas, os limões, as toranjas nascem pelos campos como qualquer outro arvoredo, tam bellas e tam formosas como nos nossos agricultados pomares. » Sebast. Xav. Botelho, Mem. estatist. sobre os domin. portug. na Africa Orient. pag. 98.

ce-me ser este com effeito o espirito da observação do veneravel auctor do *Cosmos*. Tambem não sustentarei, porque o ignoro, que todas as arvores, flores e animaes, que decoram a ilha de Venus se encontram em Zanzibar. Nem aquella falta, nem alguma incoherencia, que por ventura possa haver na *geographia das plantas* ou animaes que entram na descripção Camoniana, podem prejudicar a situação de ilha de Venus, nem tampouco servir de censura ao seu auctor. A ausencia de vegetação exclusivamente tropical será objecto de um exame particular; e quanto ao segundo reparo, só direi que o poeta não se propoz a copiar rigorosamente a realidade; mas a faze-la servir aos fins da poesia. Dada a feliz similhança entre aquella vegetação e a da Europa, na maxima parte dos seus elementos, o poeta tinha liberdade de *compor* o seu quadro do modo que mais impressionasse a imaginação de seus leitores. Similhante a um pintor *amavel*, que retratando uma dama lhe dá com seu habil pincel, já mais animação nos olhos, já mais viveza no colorido, já mais elegancia na attitude, do que realmente tem o seu modelo, sem comtudo deixar de fazer um retrato: Camões tambem podia fazer realçar os encantos do seu painel com toques que lisongeassem a imaginação de um europeu, sem deixar por isso de pintar *d'après nature* o fundo do seu quadro.

O poeta vio sem duvida a maior parte dos objectos, que entram na sua descripção, debaixo dos climas em que collocou a sua ilha. De *quatorze* arvores que

elle nomea, *nove*, pelo menos, sei que florecem na costa do Zanguebar ou na propria ilha de Zanzibar. São estas a *larangeira*, a *cidreira*, o *limoeiro*, a *amoreira*, o *peceguerro*, a *romanzeira*, a *videira*, o *ulmeiro* e o *myrto*. E' verdade que estas arvores nem todas são indigenas daquelle clima, e o proprio Camões o declara do peceguerro,

> . . . . que da patria Persia veio
> Melhor tornado em terreno alheio.
> IX. — 58.

Geralmente se pensa que o poeta, preoccupado com a vegetação europea, allude aqui á transplantação deste fructo para os nossos climas. Mas é preciso que antes de o accusarmos de *dormitar*, examinemos se elle não estava accordado, em quanto nós tinhamos os olhos fechados. Diz Camões que uma das bellas arvores que ornava aquella paysagem era o pecegueiro, indigena da Persia, aonde era venenoso, e exotico na ilha de Venus, onde se tornára um pomo saborosissimo. Esta circumstancia é plenamente confirmada pelas relações dos viajantes. Botelho diz: « Os Arabios do Zanzibar transplantaram aquellas arvores, que pela analogia do clima pegaram, medraram e produsem copiosamente. Não damos em linguagem o nome destas arvores, porque as não havemos, á excepção do *Pessegueiro* e da *Amoreira.* » (*a*) Mas nem por ser a authoridade dos

---

(*a*) Mem. estatist. pag. 359.

seus limites naturaes. Em presença da filha de Leda os contornos e colorido de Zeuxis, e a sublime expressão de Homero, pintando a formosura pelas sensações.

Este é tambem o grande modo de pintar a belleza seguido por Camões. Dos Lusiadas se podia formar uma rica e variada galleria de bellezas, cujas fórmas, em geral, o poeta sabiamente se abstem de descrever. Nessa collecção figuraria a *linda Dione*, em cujo rosto brilham uns leves assomos de ira, que dão um certo pico á sua formosura. (*a*) Seguir-se-hiam a *formosa Galathea*, a *bellissima Orithya*, que com brandos requebros desarma a furia de seu amante; (*b*) *Ephire*, *exemplo de belleza*, (*c*) formosura coquette, que com simuladas resistencias sabe augmentar o valor de seus encantos. A este grupo das alvas filhas de Nereo preside a bella esposa de Neptuno, figura magestosa, que o poeta sempre nos representa tam cheia de graça como de nobreza. (*d*) A filha de Affonso IV e rainha de Castella, tocante formosura, que o poeta nos pinta com os olhos banhados em lagrimas, e os cabellos angelicos

Pelos eburneos hombros espalhados,

é a *formosissima Maria*. A infeliz D. Leonor é a *linda, formosa dama*; cujo mimo e delicadeza de fórmas im-

(*a*) C. II. e. 21.
(*b*) C. VI. e. 88.
(*c*) C. IX. e. 76.
(*d*) C. IX. e. 85. C. X. e. 75.

pressionam vivamente a nossa imaginação, porque despojadas dos vestidos que as occultavam por umas mãos ferozes, ficam expostas á inclemencia dos elementos e em contacto com os ardentes areaes da Cafraria. (a) Este é o claro-escuro da poesia. A bella Ignez de Castro, essa Helena portugueza tanto por sua rara formosura, como por suas funestas consequencias; essa belleza, que é uma das bagas d'ouro da coroa de Camões, seria para um poeta medioere o thema da mais luxuriante descripção. O poeta se contenta com mostrar sua formosura geral por um simples epitheto — a *linda Ignez*. De suas formas apenas vemos a belleza de seu rosto, pelos effeitos que produsira; e aquelle formosissimo collo de garça, que deu um nome antonomastico á infeliz amante de D. Pedro. (b)

Eu não quero dizer que a poesia se priva absolutamente de descrever com alguma extensão a belleza das fórmas em separado. Com effeito ella o sabe fazer com vantagem, sem ultrapassar seus limites artisticos. Nos antigos achamos bellissimos modelos de similhantes descripções. Ovidio pinta, por exemplo, a visita

---

(a) Verão os Cafres asperos e avaros
Tirar á linda dama os seus vestidos:
Os crystallinos membros e preclaros
A' calma, ao frio, ao ar verão despidos,
Depois de ter pisada longamente
C'os delicados pés a area ardente.
V. — 47.

(b) O collo d'alabastro que sustinha
As obras com que amor matou d'amores
Aquelle que depois a fez rainha.
III. — 132.

amorosa que recebe da seductora Corinna. Ei-la que chega, coberta de uma tunica pouco avara das voluptuosas fórmas que finge defender. Logo a primeira scena deste quadro poetico faria a desesperação de um pintor, que pretendesse copiá-lo.

Diripui tunicam, nec multum rara nocebat:
Pugnabat tunicâ sed tamen illa tegi.
Cumque ita pugnaret, tanquam quæ vincere nollet,
Victa est non ægrè proditione suâ.

Ticiano ou o Corregio debalde esgotariam os recursos de sua arte para nos representar ao vivo este quadro cheio de graça e movimento. Até aqui a poesia está n'uma posição infinitamente superior. Venhamos agora aos dominios da pintura, quando o poeta descreve os membros de Corinna em separado.

Ut stetit ante oculos posito velamine nostros,
In toto nusquam corpore menda fuit.
Quos humeros, quales vidi tetigique lacertos!
Forma papillarum quam fuit apta premi!
Quam castigato planus sub pectore venter!
Quantum et quale latus! quam juvenile femur! (a)

Em todo este quadro allucinador, apenas a pintura poderia reclamar este verso, na verdade bellissimo, — *Quam castigato planus sub pectore venter!* — e aquella expressão — *quantum latus;* o resto é do dominio da poesia. Nós julgamos estar vendo o modelo de uma Ve-

(a) Ovid. Amor. l. 1. eleg. 5.

nus de Ticiano, não porque as suas fórmas estejam aqui desenhadas; mas porque vemos, com os olhos d'Ovidio, aquelles membros encantadores; estremecemos com elle ao toque de *taes* hombros e de *taes* braços, e participamos de algum modo da embriaguês do amante, ao fazer daquella voluptuosa pressão. É só pelas sensações produsidas por aquellas fórmas, que nós imaginamos sua allucinante belleza.

Na galleria das bellezas camonianas tambem se admira uma, em cuja descripção o poeta se detêm, esgotando os recursos de sua divina arte. Venus, intercedendo a seu pae pelos Portuguezes, é uma belleza que deslumbraria os proprios velhos de Troya se a vissem depois da filha de Leda. Os mais sublimes toques nesta bellissima pintura são todos estheticos. Camões principia por descrever a formosura de seu divino semblante pelos effeitos que ella produz:

> Tam formosa no gesto se mostrava,
> Que as estrellas, e o ceo, e o ar visinho
> E tudo quanto a via, a namorava.
> II. — 34.

Depois a deusa é apresentada em toda a sua formosa nudez, como quando na selva Idea obteve o premio no mais duvidoso de todos os concursos. Então,

> Se a vira o caçador que o vulto humano
> Perdeo, vendo Diana na agua clara,
> Nunca os famintos galgos o matárão
> Que primeiro desejos o acabárão.
> II. — 35.

Permitta-me, meu amigo, que eu exclame na enthusiastica linguagem de Faria: « Nunca llegaron á decir tanto como esto todos los antiguos juntos, ni llegaran los futuros á decir más! » Camões podia dar por concluida sua primorosa pintura com este toque sublime. Mas na inexgotavel palheta de sua fantesia existem ainda tintas, que podem perturbar a cabeça do mais frio espectador das graças femininas.

> Os crespos fios d'ouro se esparziam
> Pelo collo que a neve escurecia;
> Andando as lacteas tetas lhe tremiam,
> Com quem amor brincava e não se via:
> Da alva petrina flammas lhe sahiam
> Onde o menino as almas accendia:
> Pelas lisas columnas lhe trepavam
> Desejos, que como hera se enrolavam.
> II. — 36.

Camões emprega aqui as côres do ouro, da neve e do leite; imita imperfeitamente os contornos por meio da comparação — *as lisas columnas.* E' isto quanto elle tem de commum com o Ticiano, por quem seria vencido, se não tivesse empregado senão os meios pictoricos para criar a illusão. Com effeito um pintor possue tintas mais apropriadas que o ouro para pintar uns bellos cabellos louros, e côres mais seductoras que o leite ou a neve para a carnação de suas bellezas. As graciosas linhas curvas para contornar os voluptuosos membros de uma mulher, essas são as mesmas bases da pintura, ao par das quaes é impotente toda a comparação. Mas o poeta tem recursos proprios para oppôr

a essas formas precisas da arte rival. Como ha-de o Ticiano exprimir-nos aquella oscillação das lacteas tetas, que se communica ao nosso systema nervoso como um choque electrico? O Ariosto pintando os seios d'Alcina, diz:

> Due pome acerbe, e pur d'avorio fatte,
> Vengono e van, come onda al primo margo,
> Quando piacevol aura il mar combatte.
> VII. — 14.

O poeta tanto encareceo uma das qualidades appetecidas nestas bellas formas — a dureza; tanto quiz tornear e alisar, que lhe tirou o movimento, que em vão depois lhes quiz attribuir. A nossa imaginação precisa de desfazer a feliz comparação dos pomos verdes e do marfim que pintam a fórma dos peitos, para lhes poder dar o mais seductor accidente do movimento. Na nossa Venus as lacteas tetas, tremendo com o andar da deusa, além da sensação que produz o movimento, que é a propria vida; nos indicam instantaneamente que, firmes em sua base, conservam aquella fórma hemispherica, que lhes dá a dureza virginal.

Roupagens impenetraveis cobrem o corpo d'Alcina da cinta para baixo, e o Ariosto remata a sua pintura desenhando

> Il breve, asciuto e ritondeto piede.

Parece-me que o poeta que desenhou nada menos de

quinze feições d'Alcina, não lhe esquecendo o nariz, (a) e que tinha á vista os grandes modelos da arte antiga, devia antes de chegar ao *ritondetto piede*, descrever com seu scientifico crayon uma curva graciosa em torno dessas roupagens, que revelasse aquellas fórmas que davam a Venus o appellido de *Kallepygos*. Camões que pintava do nú, ousou pintar aquelle *juvenile femur* de Ovidio.

> Pelas lisas columnas lhe trepavam
> Desejos, que como hera se enrolavam.

Estupendamente lo supo decir! exclama Faria e Sousa. É verdade. Isto escurece quanto tem de mais seductor a pintura e a estatuaria. Só a mesma natureza no seu maior grau de perfeição será capaz de nos impressionar tam fortemente como estes dous versos.

No resto desta magnifica descripção o poeta ainda mostra os immensos recursos de seu genio, para vencer as difficuldades de sua arte. Lançando um delgado cendal sobre os encantos da deusa dos amores, longe de querer destruir a formosa nudez em que a apresentára, o poeta só pretende pintar á imaginação, por um modo indirecto, o que o Ticiano costuma pintar directamente.

Eis-aqui como differem entre si o poeta e o pintor na descripção dos objectos, cujo typo invariavel nos é conhecido. A poesia pintando a formosura de uma mulher pode não só competir com a pintura, mas levar-

(a) Quindi il naso per mezzo el viso scende,
Che non trova l'invidia ove l'emende.

lhe vantagem. As sensações são as vivissimas tintas que elle emprega; e qual outro objecto na natureza produz sensações mais profundas do que as bellas fórmas de uma mulher! Mas nem todos os objectos fornecem ao poeta estes grandes meios de descripção. E para que de uma vez entremos no nosso principal assumpto, appliquemos ao reino vegetal as considerações que deixo feitas.

A descripção das plantas, fructos e flores, ou ha-de recahir sôbre objectos conhecidos ou desconhecidos. Vejamos o processo que a poesia emprega para pintar os primeiros, e á vista delle, facil nos será perceber o absurdo de exigir do poeta a pintura dos segundos. Uma paysagem de Poussin ou de Claudio de Lorrena será sempre, quanto a mim, um painel de mais effeito do que o mais acabado quadro de poesia descriptiva. O pintor apresenta-nos uma infinidade de objectos, que longe de fatigar e confundir a nossa imaginação, a deleitam pela harmonia que resulta do *todo*. Nós vemos extensos horisontes, ceos riquissimos de uma deliciosa gradação de luz e colorido, aves fendendo os ares, a terra revestida de uma opulenta vegetação; cortada de arroyos crystallinos, que logo se despenham em espumantes quedas d'agoa. A isto accrescem os gados, os pastores, as ruinas, as choupanas, e o esmalte das vividas flores que de ordinario matizam o primeiro plano. Pelos maravilhosos effeitos da perspectiva aerea e linear, tudo isto é apresentado em um pequeno espaço e por uma só vez; de sorte que os olhos communicam

rapidamente ao espirito o todo daquella extensissima vista.

A poesia que nós já vimos produsir com um só rasgo effeitos eguaes, descrevendo a belleza da mulher, agora é forçada a proceder pela minuciosa e successiva descripção das partes. Se o poeta não é rapido, se seus toques não são vividos e fugazes como o relampago; a languidez e o fastio serão os unicos resultados de seus esforços. Este é com effeito o escolho da poesia descriptiva. A nossa imaginação obrigada a correr após o poeta na sua prolixa descripção, vai-se gradualmente afastando dos primeiros objectos descriptos, até os perder inteiramente de vista. Se a esta desvantagem accrescentarmos a confusa distribuição dos elementos que entram na composição do quadro, a falta dos *tampidos*, como lhe chama Philippe Nunes, isto é, os longes, os ceos, os horisontes; a illusão desapparecerá inteiramente, e em vez de paysagem teremos, quando muito, alguns retratos avulsos de fructos, plantas e flores.

A sustentada rapidez com que o poeta-artista é obrigado a trabalhar, apenas lhe permitte indicar um ou outro accidente de cada objecto que descreve. A nossa fantesia completa a pintura. Este accidente umas vezes é tirado da fórma, como nas *peras pyramidaes* e nestes versos:

> Está apontando o agudo cyparisso
> Para onde é posto o ethereo paraiso.
> IX. — 57.

Outras vezes o poeta só emprega o colorido, ou directamente, como quando diz o *lirio roxo;* ou por via de uma comparação poetica, como:

> A larangeira tem no fructo lindo
> A côr que tinha Daphne nos cabellos.
> IX. — 56.

A pintura do fructo, occultando-se a arvore que o produz, é tambem um meio prescripto pela necessidade de ser rapido e de variar as descripções. (*a*) Terá reparado, que raras vezes Camões accumula em um só sugeito várias circumstancias; e quando o faz, é porque confia na mágica viveza de seus rapidos toques. Assim descrevendo a cidreira, com dous bellissimos versos pintou a *arvore* vergando com os *fructos*, *volumosos* e *amarellos*. (*b*) Finalmente a simples menção do objecto, ou seja por uma periphrase tirada da mythologia; (*c*) ou por seu proprio nome, como quando Camões nomêa simplesmente a « mangerona »; ou ainda accompanhado de alguma recordação que o ennobrece, como

> As amoras que o nome tem de amores;
> IX. — 58.

(*a*) As cerejas purpureas na pintura.
IX. — 58.

(*b*) Encosta-se no chão que está cahindo
A cidreira c'os *pesos* amarellos.
IX. — 56.

(*c*) Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, deusa Paphia, inda suspiras.
IX. — 60.

é ainda um dos meios que a poesia emprega para pintar o fructo, a planta ou a flor.

Sem duvida estes meios poeticos são não só sufficientes, mas exuberantes para reprodusir a imagem do objecto, quando elle previamente nos era conhecido. Quando Camões diz:

> Abre a roman, mostrando a rubicunda
> Côr com que tu, rubi, teu preço perdes —

nós representamo-nos immediatamente este bello pomo, não pelas apropriadas tintas de que o poeta o soube colorir; mas porque o simples nome *roman* é em si mesmo uma imagem completa. Aquelle brilhante toque serve só para despertar com mais vivacidade a recordação do objecto conhecido.

Assim esta bellissima paysagem, tam superiormente pintada por Camões, encanta-nos, porque nós Europeus, para quem ella foi composta, conhecemos todas as fórmas caracteristicas daquellas arvores, fructos e flores, com seu sabor, fragrancia e colorido. A poesia apenas deu realce a uma ou outra destas qualidades, que nós já conheciamos. Mas que effeito produsiria aquelle bello quadro, se o poeta, desconhecendo os limites da sua arte, emprehendesse decora-lo de objectos, que elle sim conhecia por circumstancias individuaes, mas que da immensa maioria de seus leitores eram totalmente ignorados? Camões não foi insensivel, como logo mostrarei, ao novo e magnifico espectaculo, que lhe offerecia a vegetação oriental. Essa

vegetação, porém, cujas virtudes seu sabio amigo Garcia da Orta foi o primeiro a revelar á Europa, por isso que se compunha de . . . . .

PLANTAS NOVAS QUE OS DOCTOS NÃO CONHECEM, (a)

estava fóra do alcance do seu divino pincel. . . .

Que processo empregaria o poeta para descrever aquella vegetação exotica, que nem os doutos conheciam? Desenhar-nos-hia suas fórmas caracteristicas, servindo-se dos termos technicos da sciencia? A supposição é absurda. Mas concedamos por um momento, que a nomenclatura de Lynnèo existia ha tres seculos; que ella tinha bastante precisão para delinear a perfeita imagem de uma planta, com suas folhas, fructos ou flores, e que além disso a nossa imaginação era dotada da força necessaria para agrupar e reter uma imagem assim formada: — qual seria o poeta, digno desse nóme, que se lembrasse, por muito que fosse a sua sciencia, de compôr uma paysagem, descrevendo cada planta com auxilio dessa immensa bagagem de vocabulos, de que a Botanica se serve em suas descripções? . . . .

Limitar-se-hia Camões á simples menção desses objectos? Mas esse systema de descripção que póde ser efficaz quando o nome só por si faz imagem; agora só serviria de nos dar um cathalogo de nomes barbaros, vasios de toda a significação. Eu por mim confesso que

(a) Cam. Ode VIII., em louvor de Garcia da Orta.

lendo o canto VII. do *Caramurú*, fico tam enleado como se tivesse diante de mim algumas paginas em sanskrito. Quando muito, se sei soletrar

O quiabo, o giló, os maxixeres,
A maniçoba peitoral presada,
A taióba agradavel nos comeres.
. . . .
O cará, o inhame e em copia grata
Mangarás, mangaritos e batata.

Que formas dariamos em nossa aturdida imaginação aos animaes e aves da ilha de Venus, se seus odoriferos bosques fossem povoados de

Capivaras e cuatías,
Pacas, teús, periás, tatús, cotias.

Juritas, pararís, tenras e gordas,
A hiripanga, no gosto regalada,
As jacutingas e a aracan presada? (*a*)

Adoptaria o poeta os diversos modos usados na poesia descriptiva, que exemplifiquei com seus proprios versos? Mas esse systema, efficaz e poetico para descrever objectos conhecidos, é de todo impotente para nos representar os ignorados. Se vemos um vislumbre de côr, desconhecemos inteiramente a fórma. Supponhamos que o poeta empregava a comparação, para supprir a falta dos contornos: em que erros não seria indusida a nossa fantesia? Quando nós lemos aquelles bellissimos versos:

(*a*) Vid. Caramuru, c. VII.

> Os formosos limões alli cheirando
> Estão virgineas tetas imitando,

parece que amamos mais aquelle pomo acerbo, que a poesia soube assim ennobrecer; mas a nossa imaginação tem não só de corrigir a fórma, mas ainda de substituir-lhe a côr do termo de comparação. Se o limão fosse um fructo desconhecido, e por aquella bella descripção houvesse de ser pintado, de cem pinturas não haveria duas similhantes. Esta discordancia é o resultado da fallencia dos contornos, que obriga o poeta a servir-se do simile. Como objecto de curiosidade, e como illustração desta discrepancia, ponhamos em presença duas descripções de uma flor, não só conhecida, mas em que por convenção nos acostumamos a ver figurados certos objectos: — o martyrio.

> E' na fórma redonda, qual diadema
> De pontas, como espinhos, rodeada,
> A columna no meio, e um claro emblema
> Das chagas santas, e da Cruz sagrada:
> Vem-se os tres cravos, e na parte extrema
> Com arte a cruel lança figurada,
> A côr é branca, mas de um roxo exsangue,
> Salpicada recorda o pio sangue. (a)

———

> . . . . medio stat columna
> Nescio quid ferale minans, in vertice clavi:
> Malleus haud longe pendet crudelis in ictum:
> Texta velut spinis parte inferiore corona
> Sese oculis offert tricolor, tabumque, cruorque,
> Et livent pallor Lethi proprioris imago. (b)

(a) Caram. c. VII. e. 39.

(b) . . . . No meio uma columna
Está não sei que horror ameaçando!

Que vago, que confusão, que discrepancia nas duas descripções! Ambos os poetas copiaram da natureza; ambos partiram do mesmo ponto de vista convencional; e comtudo cada um vio differentes objectos. Um vio as chagas, a cruz e a lança; Delacroix que nada disto observou, vio mais que Durão o martello. O poeta portuguez só emprega duas côres; simplicidade que o torna superior a Delacroix, que ambicionando passar por habil colorista, fez uma tal confusão de arrebiques, de que o proprio Bocage se não soube sair airosamente. E no fim de tudo, perguntarei: alguem que nunca visse esta admiravel flor poderia reprodusi-la em sua fantesia de um modo que se aproximasse á realidade? O proprio Camões, porque occultou o nome de uma arvore, a cuja sombra parece ter gosado alguns momentos afortunados, privou-nos do prazer de applicar uma de suas mimosas descripções a essa arvore, que não podemos reconhecer. E comtudo os versos são dos melhores do poeta, a locução clara, as tintas suavissimas, o simile da mais graciosa poesia. E' porque o melhor poeta precisa, como o mau retratista, de pôr em seus retratos o nome do retratado. (*a*)

Insta golpe cruel de ferreo malho,
C'roa como d'espinhos jaz tecida
Em lugar inf'rior, e de tres cores
O matiz lastimoso off'rece á vista,
As do coalhado sangue e sangue fresco,
E a que da morte a visinhança agoira.

O Consorcio das flores por Delacroix, trad. de Bocage, pag. 49.

(*a*) Arvore, cujo pomo bello e brando

O illustre Humboldt observa na mesma obra que motivou as presentes considerações, que « na poesia descriptiva e na paysagem, a descripção dos sitios e dos quadros que fallam á imaginação, terá tanta mais vida e verdade, quanto mais pronunciadas forem as fórmas individuaes. » (a) A justificação de Camões fica completa com estas palavras do illustre censor. Nós acabamos de ver que á verdadeira poesia só é dado apresentar uma ou outra feição de cada planta; — que essa mesma feição é sempre imperfeitamente pintada; — que o unico meio de reprodusir a imagem dessa planta ou flor, é designá-la por seu proprio nome; e finalmente todos sabemos que a nossa imaginação é tam insensivel á simples menção de um objecto desconhecido, como um cego de nascença á menção das côres. Exigir portanto que o poeta désse *vida e verdade* a uma paysagem composta de elementos, cujas fórmas a Europa desconhecia, seria o mesmo que pedir ao pin-

---

Natureza de leite e sangue pinta,
Onde a puresa de vergonha tinta,
Está virgineas faces imitando.
Son. 136. *ed. de Hamb.*

Faria e Sousa diz que não pode intender pela descripção a que arvore fosse feito o soneto, e que lhe parece que a não haja na Europa, mas na India. E' verdade que a falta do nome da arvore ou do pomo é sensivel; mas eu penso que no pecego se dão todas aquellas qualidades — aroma, brandura, côr de leite e sangue, imitando com a macia pennugem, que ligeiramente o cobre, as faces de uma donzella tintas de um casto rubor.

(a) Cosmos, t. 1. p. 12.

tor que nos fizesse um retrato pelas indicações de uma carta. Accusá-lo, por esta omissão, de ser indifferente ás scenas da natureza terrestre, equivale a increpá-lo de se mostrar insensivel ás harmonias da musica, por não nos transmittir em seus versos a soada das cantigas das negras da Agoada de S. Braz. (a)

Camões insensivel aos quadros da natureza terrestre! Pois essa prodigiosa concepção do Adamastor, symbolo das gigantescas proporções do genio creador que lhe disse o *fiat* sublime, teria por ventura apparecido se o poeta não tivesse dobrado o cabo Tormentorio? (b) Não está borrifado o immortal poema das mais puras e scintillantes perolas do Oriente? Não brilham ao clarão das ondeadas flammas de Ternate as aureas plumagens das aves do parayso? Nos bosques das ilhas de Banda não esvoaçam mil aves variegadas, picando o roxo fructo da arvore da noz? Não recende em Timor o odorifero sandalo? Em Sumatra, onde mana a fonte do naphta, não chora o tronco do bejoim lagrimas mais cheirosas do que as que verte a filha de Cinyras? Os perfumes do Levante, atravessando ambos os oceanos nas folhas dos Lusiadas, não vem lisongear o nosso olfacto?

(a) Veja Lus. c. v. e. 63.

(b) O meu illustre amigo, o digno cantor de *Camões*, me precedeu nesta observação, a que deu, para assim dizer, realidade, pondo na boca do poeta estes versos:

> No ar se me afigurou troar de irada
> A potestade immensa d'algum Genio
> Que os cancellos do Oriente alli guardasse.
>
> *Camões*, *pag.* 87—8.

E' verdade que essas arvores, esses fructos, essas aves não se nos mostram com suas fórmas caracteristicas; porque o poeta, digamo-lo pela ultima vez, não desenha. Mas todos esses brilhantes toques, dados em occasião opportuna, produsem em nossa imaginação aquelle magico effeito, que aos olhos dos europeus devem produsir os cardumes de escarabelhos luminosos de Senegambia por uma noite escura. Veem-se os seus fulgores e desconhecem-se as suas fórmas.

Por estirada que vá esta carta, não posso resolver-me a levantar mão de tam grato assumpto, sem contemplar ainda como o grande poeta soube conter-se dentro dos limites da sua arte; e como, quando cumpria, soube ser um paysagista cheio de grandeza e magestade.

Na magnifica apparição do Indo e do Ganges a el-rei D. Manoel, os dous rios vem, segundo o costume, coroados de vegetaes. Um poeta inferior a Camões, que tivesse presente um lugar parallelo de Virgilio, substituiria os choupos que servem de leito ao Tybre, e as folhas de canas que formam sua coroa, pelos ramos do bambu, do arbusto do anil ou do coqueiro, que bordam as ribeiras do Ganges. De uma similhante affectação resultaria mais do que um inconveniente. Em primeiro lugar o Gama, contando ao Xeque de Melinde este sonho, teria dito mais do que podia; pois que D. Manoel não estava habilitado para reconhecer e definir os ramos e hervas que coroavam a fronte dos dous rios. Mas disfarcemos ainda essa inco-

herencia. Seria mais perfeita a nossa illusão, porque o o poeta mencionasse qualquer dessas plantas exoticas? Talvez que a personificação do Ganges na grande epopea india, a *Ramayana*, assim seja caracterisada, porque o poeta hindú não pinta debalde para quem conhece os symbolos de que elle se serve. Um dos inconvenientes, porém, que resultaria de um tal systema, e, a meu ver, o mais consideravel, é que o poeta minoraria consideravelmente a impressão que D. Manoel devêra receber com aquella estranha apparição. O poeta quer fazer sentir o assombro do monarcha em presença de um espectaculo completamente novo, e tam novo que lhe faltam palavras para o reprodusir. É isto que D. Manoel, ou o Gama por elle, exprime por estes dous versos:

> De ambos de dous a fronte, coroada,
> Ramos não conhecidos e hervas tinha.

É escusado accrescentar que Gerard, como pintor, interpretou perfeitamente aquelle lugar, definindo por fórmas precisas de plantas orientaes, as expressões vagas do poeta. Esse vago não procedia da indecisão das fórmas, mas da sua estranhesa para D. Manoel.

É ainda com a mesma profundidade d'espirito, que Luis de Camões nos descreve, nessa augusta visão, uma paysagem, não direi oriental, mas no estylo grandioso de Salvator Rosa. Não ha palavra nesta magnifica descripção que não concorra para estender o horisonte, ou augmentar a grandiosidade, desta immensa

paysagem. Quem se enfadará de repetir estes versos magestosos:

Aqui se lhe apresenta que subia
Tam alto que tocava a prima esphera,
Donde diante varios mundos via,
Nações de muita gente estranha e fera;
E lá bem junto donde nasce o dia,
Depois que os olhos longos estendêra,
Vio de antiguos, longinquos e altos montes
Nascerem duas claras e altas fontes.

Aves agrestes, feras e alimarias
Pelo monte selvatico habitavam;
Mil arvores sylvestres e hervas varias
O passo e o trato ás gentes atalhavam.
Estas duras montanhas adversarias
De mais conversação, por si mostravam
Que desque Adão peccou aos nossos annos
Não as romperam nunca pés humanos.

Eis-nos em presença do Hymalaya, das cordilheiras do Thibet. A nossa imaginação pode dar fórmas individuaes aos diversos elementos do reino vegetal e animal de que se compõe esta grande paysagem. As collecções dos naturalistas e dos viajantes supprirão em parte a falta do nosso conhecimento directo com as aves, animaes e plantas que produsem aquellas regiões.

Mas se Camões gastasse algumas estancias em descrever as feras, as aves, os vegetaes; o effeito de tal quadro, neste lugar, seria infinitamente inferior áquella soberba estancia, debaixo de um ponto de vista esthetico e artistico. A rapidez com que D. Manoel contempla aquelle grande panorama, a estranheza dos elementos de que elle se compõe; tudo tende a criar no seu espirito absorto uma impressão vaga, mas profunda, que engrandece o effeito daquella apparição. Assim quando vemos uma montanha, cujo cume está involto n'um vapor nebuloso, ella toma em nossa imaginação dimensões gigantescas, e dizemos que topeta com o mesmo ceo.

Se este quadro é magnifico pela impressão produsida por sua grandiosa simplicidade, não é menos admiravel considerado pelo lado artistico. Essa profunda impressão é o effeito das leis da perspectiva, com que elle está delineado. D. Manoel vê no primeiro plano as figuras do Indo e do Ganges com fórmas pronunciadas e no seu tamanho natural; porque os dous rios, dirigindo-se para elle a *passos largos*, se destacam consideravelmente do fundo do quadro donde sairam. Este fundo compõe-se de montes *longinquos* e altissimos, em que se divisam uma infinidade de plantas, d'aves, e de alimarias. A distancia optica que medêa entre o primeiro plano em que estão os rios, e este fundo remoto, torna aquelles objectos indecisos em suas fórmas e côres individuaes. A' proporção que o monarcha fosse estremando as diversas especies desses animaes e ar-

vores, a paysagem iria gradualmente perdendo de suas dimensões e grandiosidade, supposto podesse ganhar em amenidade. E se finalmente o real espectador descrevesse todos os elementos da paysagem tam miudamente como descreveu as figuras dos dous rios, o quadro peccaria contra as leis da perspectiva, pois que todos esses objectos ficavam accumulados e sobre-postos no primeiro plano. E' por isso que Mickle, julgando embellezar esta paysagem, lhe destruio o caracter de grandeza que ella apresenta no original, quando se demora a matisá-la de côres vivissimas, que o grande poeta sabiamente desdenhára. (a)

Temos visto que o nosso poeta, conservando-se dentro dos limites da sua arte, sabe ser pintor historico como o Ticiano ou o Corregio, pintando as fórmas femininas; paysagista de figuras, suave e gracioso como o Albano, quando sobre a deliciosa paysagem da ilha de Venus pinta as voluptuosas figuras das Nereidas; acabamos finalmente de o ver artista sublime como Salvator Rosa, na paysagem heroica presenceada por D. Manoel. Como pintor dos espaços maritimos e aereos não é possivel caracterisá-lo melhor do que com as palavras do proprio auctor do *Cosmos*. « Camões, diz o

---

(a) The forest-boughs with yellow splendor glowed.
. . . .
Here various monsters of the wild were seen
And birds of plumage azure, scarlet, green:
The various herbs, and flowers of various bloom.

Mickle's transl. of the Lusiade.

illustre sabio, é inimitavel quando pinta a perpétua alteração que se opéra e communica entre a atmosphera e o mar; as harmonias que reinam entre as fórmas das nuvens, suas transformações successivas, e os diversos estados por que passa a superficie do Oceano. Agora nos descreve esta superficie encrespada por uma doce viração; as vagas ligeiramente encurvadas scintillam, brincando com os raios da luz que nellas se reflecte. Outras vezes os navios de Coelho e de Paulo da Gama, assaltados por uma terrivel tempestade, luctam contra todos os elementos embravecidos. O poeta descreve o fogo electrico de Sant'elmo, a formação successiva das trombas temerosas; pinta finalmente todos os phenomenos do Oceano. Camões é no sentido proprio da palavra um grande pintor maritimo. » (a)

E um espirito tam vasto, que em sua profunda contemplação abrange toda a natureza; que sabe pintar quanto tem de bello a natureza animada, e quanto tem de grande e deleitavel a natureza morta, não deixaria consignadas em seu immortal poema as impressões de suas longas viagens, de seus longinquos desterros da patria? A resposta ao historiador da litteratura do Meio-dia da Europa fica ahi consignada nas eloquentes paginas do *Cosmos.* Quanto ao reparo do sabio allemão, parece-me ter respondido, mostrando que Luis de Camões fez tudo quanto era permittido fazer a um poeta;

(a) Cosmos, trad. de Mr. Ch. Galusky, t. 2. p. 65.

não a um poeta ambicioso como os modernos, mas a um poeta grande por sua sublime simplicidade.

Fique pois o Homero portuguez conservando entre os titulos de sua gloria o de *pintor da natureza*, de que está de posse ha tres seculos. A um homem obscuro coube a honra de lh'o, ter primeiro conferido em versos dignos de serem collocados debaixo do retrato do sublime pintor.

Quem é este que *falla e pinta* tudo,
O Ceo, a terra, o mar, o campo, as flores,
Aves, animaes, nynfas, pastores,
C'o divino pincel do grande estudo? ....

E' Luis de Camões que o mundo espanta!

Se achar, meu caro amigo, que estas considerações não são de todo indignas de tam elevado assumpto, receba-as como uma pequena contribuição, que para a sua CAMONIANA lhe offerece

Seu amigo velho

Quinta Amarella, 28 de
Janeiro 1849.

José Gomes Monteiro.

APPENDIX.

Opiniões ácerca da Ilha de Venus.

Na historia desta questão esqueceu mencionar *Fernão Alvares do Oriente.* Foi talvez este poeta que deu voga á opinião de que a Ilha dos Amores era a de Santa Helena. Na Lusitania transformada, o pastor Felicio, que é o mesmo Fernão Alvares, conta como vindo para o reino, tocára na ilha de Santa Helena, aonde víra ainda algumas daquellas Nereidas, « que Venus, benevola em favor dos primeiros Argonautas do largo Oceano, ajuntou naquella ilha, aonde obrigadas do seu amor lhe entregárão o preço das pessoas. » Lus. transf. l. 3. Prosa 4.ª p. 365.

As violas da côr dos amadores.

Prometti dizer alguma cousa ácerca das violas dos poetas; confesso porém ingenuamente que depois de mais madura reflexão, me fica algum escrupulo sôbre a opinião que emitti de que ellas eram *sem duvida alguma* os amores-perfeitos. Mas, como o promettido é devido, direi os motivos que tive para formar aquella opinião. A côr pallida é, segundo os poetas, a que convém ao fino amante.

> Palleat omnis amans, hic color aptus amanti.
>
> *Ovid. de Art. am. l.* 1. *v.* 729.

Esta pallidez é sempre comparada á côr das violas: *Tinctus viola pallor amantium* (*Horat. l.* 3. *od.* 10) e esta côr pallida das violas é o amarello, a côr do ouro, (*luteæ* lhes chama Plinio). Por isso Claudiano, que tambem attribue a pallidez aos amantes, (*gratus amantum pallor*. De nupt. Hon. et Mar. v. 80) dá aos cabellos da esposa de Honorio a côr das violas:

> ...... non labra rosæ, non colla pruinæ,
> *Non crines æquant violæ*, non lumina flammæ.
>
> *Ib. v.* 265 — 6.

Dos poetas antigos passou esta linguagem para a poesia moderna, e Camões repetidas vezes allude á côr dos amantes representada na pallidez da viola. Fallando dos amores de seu joven amigo D. Antonio de Noronha, diz:

> E no rosto que amor com fantasia
> Da pallida viola lhe tingia,
> A todos de si dava sinal certo
> Do fogo que trazia.
>
> *Egl.* 1.

Mas que flor é essa que por sua pallidez symbolisava o amor? A nossa violeta odorifera de certo não, porque essa é de um roxo escuro ou azul ferrete.. Os antigos davam o nome generico de violas a diversas flores, como ainda fazem os naturalistas. Plinio as divide em purpureas, amarellas e brancas, e as amarellas, que elle diz serem as mais estimadas, as subdivide em Tusculanas e marinhas (*marina*.) Estas ultimas tem cinco petalas e são menos odoriferas. Já um traductor e annotador francez conjecturou que estas violetas marinhas fossem os amores-perfeitos (pensées). Se esta conjectura tem fundamento, não é porque *pensée* seja, como quer o commentador, corrupção do celtico *ben zee*, flor do mar; mas porque essa florinha ainda conserva em seu nome a significação amorosa que davam os antigos ás violas, e que nós damos ao amor-perfeito. *Pensée* exprime perfeitamente a cogitação amorosa, a melancholia dos pallidos amantes. *Poinsinet de Sivry* acha uma difficuldade na sua conjectura, e é que o amor-perfeito é inodoro, e as violas marinhas de Plinio tem algum aroma. Esta objecção não existe para mim, que agora estou experimentando o suave cheiro dos amores-perfeitos, muito mais brando de certo que o das violetas communs, mas em tudo conformes á descripção de Plinio, *folio aliquanto latiore sed minus odorato*. Resta saber o que entendia Camões por *pallidas violas*. Para os botanicos o amor-perfeito é uma viola, que penso designam com o nome de *viola trinitatis*. Ora eu julgo que no seculo XVI era este o seu nome trivial, que com o tempo veio a perder, prevalecendo o de Amor-perfeito que era apenas a idea que a flor symbolisava. O livro mais antigo em que encontro este nome é o Vocabula-

rio de Bluteau, sem referencia alguma aos classicos, conforme o invariavel costume daquelle lexicographo. Isto me faz crer que o nome já era corrente no seu tempo, mas não estava ainda introduzido na litteratura. O mesmo Bluteau traduz amor-perfeito — *viola tricolor*. Camões descrevendo um vergel de flores na Eleg. VII dá a significação de 36 plantas. Desta Elegia que fórma um tractado da linguagem amorosa das flores, ficaria excluida aquella, que entre nós é o symbolo do fino amor, se, como penso, não fosse della que o poeta quiz fallar, quando diz:

> *Conhecimento firme* nunca achei,
> Que violetas são.

Barreira, no seu Tractado da significação das Plantas, tambem não falla do amor-perfeito; mas no cap. das Violas, tendo sem duvida em vista estes versos de Camões, diz: « Significam estas flores conhecimento. As rasões cuide-as cada um como quizer, porque não consta este significado de auctores que o confirmem .... Tam difficultoso será descubrir o significado do conhecimento, como é o alcançál-o cada um de si » — (p. 356 — 7.) De certo que a palavra *conhecimento* isoladamente não pode ter uma significação precisa; mas o epitheto *firme* está mostrando o que o poeta quiz dizer. Faria e Sousa, commentando aquelle lugar de Cam. diz, e creio que com acerto, que conhecimento firme, é *fé firme*, e que o poeta alludia á inconstancia de sua amada, como em varios lugares de suas rimas. Assim penso que aquellas violetas são as mesmas pallidas violas, symbolo do fino amor, isto é, o amor-perfeito *amarello*. Parece-me que se Camões fallasse da

violeta azul ferrete, não diria no soneto 13, que ellas excediam em *graça* e *formosura* as rosas e os lirios; nem tambem diria no son. 119:

> A violeta mais bella que amanhece
> No valle por esmalte da verdura
> Com seu *pallida lustre* e *formosura*
> Por mais bella, Violante, te obedece.

Se desapiedadamente me arrancarem esta delicada florinha da Ilha dos Amores, peço m'a substituam pelo *Hyacinthus orientalis*, a que os Arabes dão o nome de *Zumbel*, e teem em muita estima.

Variantes que se encontram nas differentes Edições ***dos Lusiadas*** *no verso* 6.° *da* 8.ª 21.ª *do Canto* 9.° (*a*)

Anno	Logar	Editor	Variante
1572..	Lisboa.	Antonio Gõçaluez	Da primeira co terreno seio,
1572..	»	»	» »
1584 (*b*)	»	Manoel de Lyra	» »
1591..	»	»	Da primeira co terreno seyo,
1597..	»	»	Da primeira co terreno seio,
... (*c*)			
1609..	»	Pedro Crasbeeck	Da mãy primeira, co terreno seio,
1612..	»	Vicente Alvarez	Da mãy primeira co terreno seo,
1613..	»	Pedro Crasbeeck	Da primeyra co terreno seio,
1626..	»	»	Da primeira co terreno seio,
1631..	»	»	Cõ a primeira do terreno seyo,
1633..	»	Lourenço Crasbeeck	» »
1639..	Madrid.	Juan Sanchez	Da mãy primeyra co'o terreno seyo;
1644..	Lisboa.	Paulo Craesbeeck	Cõ a primeira do terreno seyo,
1651..	»	»	» »
1663..	»	Antonio Craesbeeck	Com a primeira do terreno seïo,
1669..	»	Antonio Crasbeeck D'Mello	Com a primeira do terreno seyo,
1670..	»	» » de Mello	» »
1702..	»	Manoel Lopes Ferreyra	Com a primeyra do terreno seyo,
1720..	»	Joseph Lopes Ferreyra............	Da may primeyra co' o terreno seyo,
1721..	»	Officina Ferreyriana	Com a primeira do terreno seyo,
1731..	Napoles.	Officina Parriniana. .... 1.° vol.	Da Mãe primeira co terreno seio;
1732..	Roma.	Officina de Antonio Rossi . 2.° vol.	

1749..	Lisboa.	Manoel Coelho Amado	Com a primeira do terreno seyo,
1759..	Paris.	Officina de Franc. Ambros. Didot	” ”
1772..	Lisboa.	Officina de Miguel Rodrigues	Da mãi primeira c'o terreno seio,
1779..	”	Officina Luisiana	Da mãi primeira co'o terreno seio;
1782..	”	Officina de Simão Thaddeo Ferreira	” ”
1800..	Coimbra.	Imprensa da Universidade	” ”
1805..	Lisboa.	Na Typografia Lacerdina	” ”
1808?.		J. E. Hitzig. Editor C. de Winterfeld	” ”
1815..	Paris.	Officina de P. Didot Senior	” ”
1817..	Paris.	Na Officina Typ. de Firmin Didot	Da primeïra co'o terreno seio,
1818..	Avinhão.	Na Officina de Francisco Seguin	Da mãe primeira co'o terreno seio;
1819..	Paris.	Na Officina Typ. de Firmino Didot	Da primeïra co'o terreno seio,
1820..	”	Typographia de J. Smith	Da primeira co'o terreno seio,
1821..	Rio de Janeiro.	Em casa de P. C. Dalbin & C.ª	” ”
1823..	Paris.	J. P. Aillaud	Da Priméira co'o terreno seio,
1827..	Lisboa.	Na Imprensa Regia	Da Priméira c'o terreno seio,
1834..	Hamburgo.	Na Officina Typ. de Langhoff	Da mãe primeira co'o terreno seio,
1836..	Paris.	Na livraria Portug. de J. P. Aillaud	Da primeïra co'o terreno seio,
1836..	Lisboa.	Na Typographia Rollandiana	Da primeira co'o terreno seio,
1841..	Rio de Janeiro.	Typographia de Laemmert	Da mãe primeira co'o terreno seio
1842..	Lisboa.	Na Typographia Rollandiana	Da mãe primeira co'o terreno seio,
1843..	”	”	Da primeïra co'o terreno seio,
1846..	”	”	Da mãe primeira co'o terreno seio,
1846..	Paris.	Na livraria Europea de Baudry	” ”
1847..	”	Na Officina Typ. de Firmino Didot	Da primeira co'o terreno seio,

NOTAS.

(*a*) Com a noticia destas variantes apresenta-se a lista mais completa que se tem publicado das diversas edições do immortal Poema de Camões. O Snr. Trigoso, no Catalogo das obras do Poeta com que termina o seu exame critico das primeiras cinco edições dos Lusiadas, no tom. 8.º das Memorias da Academia, não menciona as edições de 1721 e 1749. O Snr. J. Adamson na sua obra " Memoirs of the life and writings of L. de Camões " impressa em 1820, tambem não faz menção das edições de 1612, 1702, 1721, e 1808. Diogo Barbosa, na sua Bibli. tom. 3. pag. 74, enumera algumas edições, deixa de mencionar muitas, e até dá noticia de algumas que nunca existiram. E' para lamentar, que nas Bibliothecas publicas de Lisboa, Evora, Coimbra, Porto, e Braga se não encontre uma collecção completa das edições do nosso Poeta, e mais é para sentir, que ainda que se reunissem os exemplares que ha em cada uma dessas livrarias, nem assim se arranjaria aquella collecção. Alguns auctores que tem feito menção das obras do Poeta não vão além do que escreveu o Snr. Trigoso. Se além das edições apontadas houve outras, não é objecto para agora ser tratado.

(*b*) E' esta a famosa edição dos Piscos. Em minha opinião a mais rara de todas quantas se tem publicado. Sei de alguns exemplares das duas primeiras edições, não me consta porém que os haja desta edição. Apontarei por curiosidade as notas que nella se lêem ao 2.º verso da 8.ª 47 do Canto 3.º

« E a piscosa Cizimbra, e juntamente »

« Chama piscosa, porque em certo tẽpo se ajunta ali
« grãde cãtidade de piscos, pera se passarẽ a Affrica. »

e ao 6.º verso da 8.ª 59 do Canto 9.º

« Peras pyramidaes, viver quizerdes. »

« Pyramides erão hũs edificios, que os Romanos usa-
« vão da feição de hũa pera. Erão largos em baixo, e
« pera cima se hia estreitando, até fazer hũa ponta
« delgada. »

(*c*) O Snr. Adamson menciona os Lusiadas de 1607 referindo-se a Barbosa na sua Bibl. Lusit. que por certo a confundio com uma das duas edições das Rimas do mesmo anno, que tenho em meu poder. Parece-me mui judiciosa a observação que faz aquelle escriptor " May not Machado have quoted it amongst the Editions of the Lusiad instead of the Rimas? " E talvez assim aconteresse.

THOMAZ NORTON.